

Recomendações da IHRA para

o Ensino e a Aprendizagem sobre a Perseguição e o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi

Aliança Internacional para a Memória do Holocausto



**INTERNATIONAL
HOLOCAUST
REMEMBRANCE
ALLIANCE**

“Recordamos o genocídio dos Roma. Reconhecemos com preocupação que a atitude negligente em relação a este genocídio contribuiu para o preconceito e a discriminação que muitas comunidades Roma ainda hoje vivem.”

Artigo 4 da Declaração Ministerial de 2020 da IHRA

Primeira edição publicada em 2024 pela Aliança Internacional
para a Memória do Holocausto (IHRA) © 2024 IHRA

Todos os direitos reservados. O conteúdo desta publicação pode
ser livremente utilizado e copiado para fins educativos e outros fins
não comerciais, desde que essa reprodução seja acompanhada
da indicação da IHRA como fonte.



Sobre a IHRA

A Aliança Internacional para a Memória do Holocausto (IHRA) reúne governos e especialistas para reforçar, fazer avançar e promover a educação, a investigação e a memória do Holocausto e para cumprir os compromissos da Declaração de Estocolmo de 2000 e da Declaração Ministerial da IHRA de 2020. A IHRA (anteriormente designada Task Force for International Cooperation on Holocaust Education, Remembrance, and Research, ou ITF) foi iniciada em 1998 pelo antigo Primeiro-Ministro Sueco Göran Persson.

Atualmente, a rede IHRA é constituída por trinta e cinco países-membros e importantes organizações parceiras internacionais, com um mandato para tratar de questões relacionadas com o Holocausto e o genocídio dos Roma. Este mandato é apoiado pela rede de peritos da IHRA, que inclui representantes das principais instituições especializadas em educação, memória e investigação relacionadas com o Holocausto e o genocídio dos Roma.

A IHRA criou o Comité sobre o Genocídio dos Roma em 2009. A definição de trabalho de anticiganismo/anti-Roma discriminação, adotada em 2020, sublinha o compromisso da IHRA em combater o preconceito e a discriminação que as comunidades Roma continuam a enfrentar atualmente.

As seguintes Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi foram desenvolvidas como parte destes esforços. O projeto foi oficialmente iniciado durante a Plenária de Atenas da IHRA de 2021 e foi promovido através de um compromisso da IHRA no Fórum Internacional de Malmö de 2021 sobre a Memória do Holocausto e o Combate ao Antissemitismo.

Sobre este recurso e contributos

Este recurso foi desenvolvido pelo Comité da IHRA do Genocídio dos Roma. Foi realizado em estreita cooperação interdisciplinar com peritos de outros Grupos de Trabalho e Comités da IHRA, os seus Parceiros Permanentes Internacionais e em diálogo com os atores e representantes Roma da sociedade civil.

O desenvolvimento deste recurso ocorreu ao longo de quatro anos, com início em 2021. Baseia-se nas Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto, desenvolvidas para educadores e decisores políticos na área da educação e adotadas em 2019.

Estas Recomendações não teriam sido possíveis sem as inúmeras contribuições dos delegados da IHRA, representantes de todos os Países-Membros. Um agradecimento especial vai para os principais autores: Presidente do Projeto Miško Stanišić (Sérvia), Vice-Presidente do Projeto Nina Krieger (Canadá), Karola Fings (Alemanha), Stéphane Laederich (Suíça), Ruth-Anne Lenga (Reino Unido), e Danijel Vojak (Croácia).

Agradecimentos adicionais à comunidade alargada de peritos da IHRA, incluindo:

Richelle Budd-Caplan (Israel), Jennifer Ciardelli (EUA), Emir Grbić (Croácia), Paul Isaac Hagouel (Grécia), Wolf Kaiser (Alemanha), Mirjam Karoly (Áustria), Martin Korčok (Eslováquia), Martina Maschke (Áustria), Oliver von Mengersen (Alemanha), Anna Mišková (República Checa), Zuzana Pavlovská (República Checa), Yael Richler (Israel), Michele Sarfatti (Itália), Patrick Siegele (Áustria), Joanna Talewicz (Polónia), Felicia Waldman (Roménia), Robert Williams (Conselheiro da IHRA) e Martin Winstone (Reino Unido); e os Parceiros Internacionais Permanentes da IHRA, incluindo: Karel Fracapane e Isabel Tamoj (UNESCO), Tracey Petersen (Nações Unidas), Cristi Mihalache e Beata Bislím Olahova (Gabinete das Instituições Democráticas e dos Direitos Humanos da OSCE, ODIHR), Eva Sobotka (Agência Europeia dos Direitos Fundamentais, FRA), e Eleni Tsetsekou e Oana Tabăra (Conselho da Europa).

O nosso apreço e agradecimento são extensivos às seguintes organizações e parceiros Roma da sociedade civil que apoiaram este projeto: Associação dos Roma Polacos (Polónia), Conselho Central dos Sinti e Roma Alemães (Alemanha), Conselho dos Roma Polacos (Polónia), União Romani Croata "Kali Sara" (Croácia), É Romani Glinda (Suécia), Fórum Europeu dos Roma e dos Viajantes (ERTF), Instituto Roma Europeu das Artes e Cultura (ERIAC), a Fundação para o Diálogo (Polónia), a União Internacional Romani, o Conselho Nacional da Minoria Nacional Roma da República da Sérvia, a Rede Internacional Phiren Amenca, o Centro Romano (Áustria), o Grupo de Apoio aos Roma do Reino Unido e a ternYpe: Rede Internacional de Jovens Roma.

O projeto foi coordenado por Natalie Harshman (2021-2024) e por Rebecca Bamberger (2023- 2024) do Gabinete Permanente da IHRA, em Berlim.

Dra. Kathrin Meyer

Secretária-Geral da IHRA, entre 2008 e 2025



Krystyna Gil só sobreviveu ao massacre na cidade de Szczurowa porque a sua avó estava no sítio certo à hora certa.

Szczurowa foi o lar de famílias Roma polacas durante séculos, mas no dia 3 de julho de 1943, uma unidade da polícia Nazi alemã e colaboradores locais executaram, no adro de uma igreja local, noventa e três membros da comunidade Roma. No caminho para o local da execução, a mãe de Krystyna conseguiu, sem ser notada, passar a filha para as mãos da avó polaca.

Este massacre foi apenas um dos muitos levados a cabo durante a Segunda Guerra Mundial, durante a qual centenas de milhares de Roma foram assassinados em toda a Europa ocupada pelos Nazis.

Nas décadas que se seguiram ao fim da guerra, as histórias das vítimas e dos sobreviventes foram ignoradas e negligenciadas. Apesar dos progressos consideráveis que os ativistas Roma têm feito, nas últimas décadas, no reconhecimento do genocídio dos Roma, os crimes contra os Roma cometidos pelos Nazis, pelos Estados Fascistas, e pelos seus colaboradores continuam em grande parte a não serem reconhecidos nas narrativas históricas dominantes.

Contra o pano de fundo desta história de negligência, é com particular orgulho que apresento as *Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre a Perseguição e o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi*. Iniciadas pelo Comité da IHRA sobre o Genocídio dos Roma e desenvolvidas em estreita cooperação com organizações Roma e especialistas internacionais das áreas da educação, museus e sítios memoriais, estas recomendações abrangentes oferecem, aos decisores políticos e educadores, orientações práticas para a exploração desta história há muito esquecida. É para mim uma grande satisfação que este recurso seja publicado em parceria com a UNESCO e espero que outras organizações apoiem os nossos esforços de divulgação.

Na Declaração Ministerial da IHRA de 2020, os Países-Membros da IHRA assumiram o compromisso político de recordar o genocídio dos Roma. Recordamos para honrar as vítimas e os sobreviventes. Recordamos porque a negligência deste genocídio desempenha um papel na atual discriminação contra os Roma. E recordamos porque só quando os governos e as sociedades refletem, aberta e honestamente, sobre o seu passado é que podemos conseguir vivenciar os valores democráticos em que as nossas sociedades foram fundadas.

Após a execução em massa em Szczurowa, os Nazis tentaram eliminar a memória da comunidade Roma queimando as casas daqueles que tinham assassinado. Krystyna, que perdeu a mãe, o irmão e a irmã mais nova no massacre, passou a vida a lutar pelo reconhecimento dos crimes cometidos contra a sua família e comunidade - primeiro como membro da Associação dos Roma Polacos e, mais tarde, como presidente da Associação das Mulheres Roma. Com estas recomendações, espero que contribuamos - de uma forma significativa e prática - para manter viva a história e as memórias das vítimas e dos sobreviventes do genocídio dos Roma.



Vozes Roma

“A minha família sofreu com a perseguição Nazi e ficou muito traumatizada. Depois da guerra, não tinham ninguém a quem recorrer e a sociedade do pós-guerra não reconheceu o seu sofrimento. Pelo contrário, o genocídio dos Roma foi ignorado durante décadas e as vítimas foram ainda mais estigmatizadas. É uma questão de justiça e de reconhecimento ensinar sobre este assunto”.

Mirjam Karoly, Áustria

“As vítimas do Nacional-Socialismo não foram reconhecidas na Polónia até à década de 1990. O enorme sofrimento, as injustiças que continuaram a afetar os Roma, mesmo depois da guerra, a falta de confiança mútua - todos estes aspetos não ajudaram os Roma a falar publicamente sobre as suas experiências durante o Nacional-Socialismo.”

Stanisław Stankiewicz, Polónia

“A perseguição e o genocídio dos Roma fazem parte da nossa história comum. É preciso reconhecê-la e abordá-la para evitar que capítulos negros semelhantes se repitam no futuro. Ao aprendermos sobre estes acontecimentos, podemos trabalhar para promover a tolerância, a inclusão e o respeito por todas as pessoas, independentemente das suas origens. Continuar a aprender sobre as experiências das comunidades Roma após a Segunda Guerra Mundial também é importante, porque nos dá uma visão das consequências a longo prazo da perseguição. Muitos Roma continuaram a enfrentar a discriminação, a marginalização e a pobreza mesmo depois da guerra, e é importante compreender e prestar atenção a estas questões e às suas ligações ao passado para trabalhar no sentido da criação de um mundo mais justo e igual para todos”.

Mia Taikon, Suécia



Prefácio

Desde há muitas gerações que os Roma têm vivido na Europa, participado no desenvolvimento e na prosperidade das sociedades civis e contribuído para a vida cultural, social e económica europeia.

Atualmente, a população Roma constitui a maior minoria étnica da Europa, com um total estimado de cerca de doze milhões de pessoas com histórias e identidades diversas. As comunidades Roma estão também presentes nos outros continentes. Os Roma têm uma identidade específica como grupo étnico minoritário e uma identidade nacional enquanto cidadãos das suas respetivas nações.

No entanto, os Roma continuam a ser um dos grupos mais discriminados e desfavorecidos da Europa, enfrentando o ódio e as violações dos direitos humanos, a discriminação, a perseguição, a violência e a privação económica e social.

Desde o século XIX, devido à perseguição, ao racismo e à exclusão social, alguns Roma procuraram estabelecer, em países fora da Europa, uma vida melhor. Depois de 1945, muitos sobreviventes da perseguição e do genocídio Nazis e os seus descendentes deixaram as suas pátrias, e alguns deixaram a Europa. Todos eles levaram consigo as suas histórias, memórias e narrativas para os seus novos países de residência.

Graças aos esforços dos ativistas Roma, progressos significativos foram realizados na promoção dos direitos civis e no reconhecimento da perseguição e do genocídio dos Roma durante a era Nazi. No entanto, há ainda muito trabalho a fazer para garantir que os crimes dos Nazis contra os Roma sejam reconhecidos e compreendidos pela sociedade.

Existe uma ligação passado e presente entre o anticiganismo e a discriminação anti-Roma, as consequências da perseguição e do genocídio dos Roma durante a era Nazi e a falta de reconhecimento e de conhecimento sobre as injustiças e os crimes cometidos contra as comunidades Roma. A educação pode desempenhar um papel vital na promoção da empatia, na sensibilização para o passado e no estímulo ao compromisso crítico com o presente.



Vozes Roma

“Tragicamente, desde 1945 e até hoje, tem havido uma luta contínua pela justiça e pelo reconhecimento das atrocidades e dos crimes cometidos contra milhares de Roma europeus. A população Roma em muitos países foi assassinada e muitos, incluindo crianças, sobreviveram a campos de concentração, a violência sexual e a experiências médicas horríveis. As suas histórias têm de ser contadas, ouvidas e conhecidas. Nós somos o seu legado”.

Gina Csanyi-Robah, Canadá

“A juventude Roma tem atualmente falta de confiança e de orgulho. Conhecer o passado significa conhecer o futuro. Penso que temos de reconhecer a importância de se aprender sobre a história, para que a nova geração de jovens de etnia Roma cresça confiante, enquanto jovens europeus e cidadãos orgulhosos”.

Olena Vaidalovych, Ucrânia



Índice

Sobre a IHRA	4
Sobre este recurso e contribuições	5
Prefácio	8
Sumário executivo	12
Introdução	18
Porquê ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?	24
• Reconhecer o genocídio dos Roma	26
• Refletir sobre as raízes históricas do anticiganismo e do ódio contra os Roma	26
• Aprender sobre as condições e os processos que conduziram aos assassinios em massa	27
• Desafiar as imagens negativas transmitidas pelos agressores	28
• Analisar criticamente as responsabilidades e a colaboração no passado e no presente	28
• Sensibilizar sobre a persistência do anticiganismo e do racismo contra os Roma	30

O que ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?	32
• O ensino e a aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma poderão variar em função dos contextos nacionais e locais	34
• O ensino e a aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma beneficiarão de mais conhecimentos históricos e recursos educativos	35
• O que ensinar: contexto histórico fundamental	36
• Contextos e desenvolvimentos	37
• Compreensão concetual	43
 Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?	 48
• Desafios e oportunidades	51
• Princípios gerais	54
• Abordagens ao ensino e à aprendizagem	56
• Política, currículo e formação	67
 Recursos adicionais	 76
 Outros recursos da IHRA	 79

Sumário executivo

Entre 1933 e 1945, os Roma europeus foram alvo da Alemanha Nazi, de outros Estados Fascistas e dos seus colaboradores, alimentados por uma discriminação de longa data e por uma ideologia racial. Calcula-se que cerca de 500 000 Roma tenham sido assassinados e que muitos tenham sido presos, utilizados como trabalhadores forçados ou sujeitos a esterilização forçada e a experiências médicas. Em toda a Europa ocupada pelos Nazis, a perseguição dos Roma foi levada a cabo de diferentes formas, por diferentes perpetradores, incluindo as forças de ocupação e as populações locais, o que contribuiu para a existência de experiências diversas entre as comunidades Roma.

As Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre a Perseguição e o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi contribuem para as prioridades estratégicas da IHRA de salvaguardar o registo histórico do Holocausto e do genocídio dos Roma e de combater a distorção. Com a publicação destas Recomendações, a IHRA procura fornecer uma base sólida para apoiar os países na inclusão da história da perseguição dos Roma na investigação, na cultura da memória, e na educação. Estas Recomendações têm como objetivo apoiar não só os decisores políticos, mas também os educadores e os profissionais no seu trabalho.

Beneficiando da experiência de delegados de trinta e cinco Países-Membros, estas Recomendações:

- sublinham a importância de fazer avançar o ensino e a aprendizagem sobre o genocídio dos Roma.
- desenvolvem o conhecimento sobre a perseguição e o genocídio dos Roma, bem como sobre a sua resistência e ação face à perseguição e ao assassinio.
- promovem um melhor ensino baseado nas melhores práticas de aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma e oferecem orientações práticas para apoiar o desenvolvimento dos currículos nacionais e regionais, dos recursos educativos e das iniciativas de formação de professores (incluindo oportunidades de educação formal, informal e não formal, e agentes e instituições como museus, memoriais, bibliotecas, arquivos e iniciativas da sociedade civil, incluindo organizações geridas por Roma).
- promovem o pensamento crítico sobre a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era nazi e os seus legados, o que sublinha que a falta de sensibilização para o genocídio teve impacto na situação atual dos Roma.
- contribuem para a educação sobre os direitos humanos e a prevenção do genocídio. Estas recomendações estão orientadas para o futuro, procurando promover uma maior consciencialização sobre a relação entre o passado e o presente e uma maior inclusão dos Roma na cultura da memória e na sociedade.



Vozes Roma

“Ao aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era Nazi e sobre as experiências das comunidades Roma após a Segunda Guerra Mundial, é-nos dada a oportunidade inestimável de aprender sobre a história europeia, partindo da perspectiva de um grupo de pessoas oprimidas que nunca foram ouvidas”.

Tania Gessi, Reino Unido

“As comunidades Roma atuais sofrem, de forma continuada, de marginalização e de preconceito. A ignorância sobre a sua história perpetua os estereótipos e a discriminação sistêmica, mantendo-os num ciclo de pobreza e exclusão. Uma sociedade que ignora uma parte tão significativa da história é suscetível de repetir os seus erros. Esta ignorância gera preconceitos, enfraquece o nosso tecido moral coletivo e impede o progresso social. O desconhecimento desta história limita a compreensão do mundo. Impede a plena apreciação das lutas dos outros.”

Adonis Borneo Salihi, Croácia



1 Porquê ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

Ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma promove a consciencialização de um capítulo essencial da história europeia - **iluminando um acontecimento histórico pouco conhecido**, preconceitos profundamente enraizados e o anticiganismo/a anti-discriminação Roma que ainda persistem. A falta de reconhecimento do genocídio dos Roma na sociedade atual contribuiu para a sua contínua marginalização. Ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma constitui uma oportunidade para promover a compreensão histórica, o pensamento crítico e a consciência das injustiças sociais contemporâneas.

Para além de oferecer uma oportunidade de **estudar as dinâmicas e os processos sociais** que contribuíram para a discriminação, a exclusão social e o assassinio, ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma requer **uma análise crítica dos episódios de colaboração** em crimes ocorridos em vários países, bem como da injustiça que se seguiu. Os *stakeholders* do setor da educação podem enfatizar o papel dos Roma na resistência à discriminação e à perseguição antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial e contestar as imagens negativas e os estereótipos dos Roma transmitidos pelos perpetradores.

A secção [Porquê ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma](#) fornece recomendações aos *stakeholders* do sector da educação sobre a forma de enquadrar o estudo deste acontecimento passado, tendo em consideração a forma como ele molda o presente.

2 Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

Embora o genocídio dos Roma seja pouco estudado, a educação sobre o assunto deve basear-se em factos estabelecidos. Os alunos devem ser apresentados **às condições históricas e às principais fases do processo deste genocídio** - que variou em função dos contextos nacionais e locais - e à medida em que os indivíduos e as instituições iniciaram ou participaram nos crimes ou se recusaram a participar neles. O ensino deve centrar-se **nos efeitos da perseguição e do assassinio em massa dos Roma** e na forma como estes reagiram e resistiram.

Os alunos devem ter a oportunidade de debater **a relevância atual da experiência histórica da perseguição e do genocídio dos Roma a três níveis**: em relação à situação contemporânea das comunidades Roma, ao antiziganismo/anti-Roma discriminação e a uma **compreensão geral dos processos genocidas**. Pode também ser relevante compreender melhor a relação entre o genocídio dos Roma e o genocídio dos Judeus e a forma como a ideologia racista Nazi alimentou ambos.

A secção O que ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma descreve os principais conteúdos históricos que contextualizam e apoiam o ensino e a aprendizagem sobre o tema, bem como os conceitos que promovem a compreensão destes crimes, dos seus antecedentes, e dos seus legados.

3 Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

Os *stakeholders* do sector da educação devem estar confiantes de que o genocídio dos Roma pode ser ensinado, de forma eficaz e bem-sucedida, com uma preparação cuidadosa e material adequado.

A secção Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma oferece recomendações que visam apoiar os decisores políticos, os ministérios da educação e os profissionais da educação. Reconhece os desafios e as oportunidades de abordar esta história, bem como considerações práticas sobre os recursos e o tempo limitado dos educadores.

Esta secção capacita os *stakeholders* do setor da educação para:

- ensinar sobre o genocídio dos Roma de uma forma que seja orientada pela **sensibilidade e precisão** em relação aos factos históricos, comparações históricas, linguagem e imagens.
- situar o genocídio dos Roma durante a era Nazi numa **história mais vasta de discriminação e de preconceito** contra as comunidades Roma.
- promover a aprendizagem sobre esta história, bem como a aprendizagem a partir dela, ajudando assim os alunos a reconhecer os **sinais de alerta** de atrocidade e de genocídio, salientando o que está em jogo se estes não forem controlados.
- explicar as **caraterísticas** da experiência dos Roma durante a perseguição e o genocídio.
- sublinhar porque é que o genocídio dos Roma é um **foco importante e significativo** para os educadores e alunos que procuram compreender o genocídio, e sublinhar a importância vital do reconhecimento, da educação e da memória na sua pós-ocorrência.
- criar oportunidades de aprendizagem em **atividades de evocação** e visitas a memoriais e museus.
- criar ambientes de aprendizagem positivos e inclusivos.
- utilizar abordagens centradas no aluno que apoiem o **pensamento crítico** e a reflexão, que deem prioridade às **perspetivas dos Roma** e que ajudem os alunos a **estabelecer ligações adequadas** entre a perseguição e o genocídio dos Roma e o atual anticiganismo/anti-discriminação Roma.
- **aplicar perspetivas de género** ao estudo da perseguição e do genocídio dos Roma, uma vez que a abordagem de género revela muitas novas camadas que são essenciais para construir uma melhor compreensão deste tópico.



Vozes Roma

"Fico muito preocupado quando vejo o aumento do nacionalismo e do extremismo de direita no mundo atual. Eu e a minha família já tivemos de experimentar aquilo a que o ódio racista e a violência podem conduzir. Na década de 1990, eu próprio sofri dois ataques de extremistas de direita à minha pessoa e à minha empresa. O legado das vítimas de Auschwitz é uma obrigação e uma responsabilidade para todas as nações e para a comunidade global aqui reunida. Não se trata apenas de proteger minorias como os Sinti e os Roma e os Judeus, trata-se do facto de hoje - mais do que nunca - termos de defender a nossa democracia e o nosso Estado de direito".

Christian Pfeil, Alemanha

"Os educadores, frequentemente, enfrentam falta de recursos, formação insuficiente e currículos rígidos que não dão prioridade à história dos Roma. Ultrapassar estes obstáculos é essencial para proporcionar uma educação completa. Os decisores políticos e os autores de manuais escolares devem trabalhar em estreita colaboração com as comunidades Roma para desenvolver currículos inclusivos e garantir financiamento suficiente para iniciativas educacionais."

Adonis Borneo Salihi, Croácia

"Os discursos de ódio e os abusos ameaçam os valores e princípios fundamentais da democracia e dos direitos humanos, sendo inaceitáveis. Por isso, é essencial o conhecimento sobre o genocídio e as atrocidades por que passaram as vítimas da era Nazi. Tanto os Roma como os não-Roma têm de compreender que aquilo que aconteceu durante o Holocausto foi profundamente errado e que não pode ser justificado ou desculpado. Esta é obviamente uma mensagem importante para os não-Roma, até porque sem essa compreensão, a discriminação e os abusos de que os Roma são alvo atualmente não podem ser resolvidos."

Olena Vaidalovych, Ucrânia



Introdução

Racional e justificação

A IHRA reúne governos e peritos de trinta e cinco Países-Membros para reforçar, fazer avançar e promover a educação, a memória e a investigação sobre o Holocausto em todo o mundo. Encontra-se numa posição única para oferecer recomendações abrangentes sobre o ensino e a aprendizagem do Holocausto e do genocídio dos Roma, com base na experiência dos seus delegados internacionais.

Desde a fundação do Comité sobre o Genocídio dos Roma, em 2009, até à adoção da definição de trabalho de anticiganismo/anti-discriminação Roma, em 2020, o genocídio dos Roma tem permanecido no centro do mandato da IHRA.

Em outubro de 2021, no Fórum Internacional de Malmö sobre a Memória do Holocausto e o Combate ao Antissemitismo, a IHRA comprometeu-se a elaborar recomendações sobre o ensino e a aprendizagem do genocídio dos Roma. Este compromisso baseou-se na Declaração Ministerial da IHRA de 2020, na qual os Países-Membros da IHRA se comprometeram a recordar o genocídio dos Roma e a reconhecer que a negligência deste genocídio contribuiu para o preconceito e a discriminação de que muitas comunidades Roma ainda hoje são alvo.

Com a publicação deste recurso, a IHRA pretende apoiar os Países-Membros a honrar este compromisso e a cumprir o seu dever de incorporar a história da perseguição dos Roma na investigação, na cultura da memória e na educação.

Estas Recomendações baseiam-se nas Recomendações para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto da IHRA, adotadas por consenso na Plenária da IHRA realizada, em 2019, na Cidade do Luxemburgo, e seguem uma estrutura semelhante. Fornecem orientações sobre Porquê, O quê e Como ensinar e abordam os distintos desafios apresentados pelo avanço do ensino e da aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma. Em particular, estas recomendações abordam a falta de reconhecimento dos crimes cometidos contra os Roma, a falta de investigação sobre esta história e a falta de materiais didáticos de qualidade e, consequentemente, a falta de conhecimento sobre o tema por parte dos educadores e dos *stakeholders* do setor da educação.

Estas Recomendações têm como objetivo fornecer um quadro de referência dirigido por especialistas e encorajar os decisores políticos a promover e a desenvolver materiais e programas educativos que reflitam as suas histórias nacionais e satisfaçam as necessidades das suas populações.

Objetivos das Recomendações

As Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre a Perseguição e o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi, desenvolvidas por um grupo internacional de peritos, têm como objetivo dotar os decisores políticos, os formadores de professores, e os educadores - incluindo professores, técnicos do serviço pedagógico de museus, trabalhadores da memória e educadores da sociedade civil – de um quadro baseado em factos e educacionalmente sólido para aumentar a consciencialização sobre a história do genocídio dos Roma, bem como sobre a existência do anticiganismo contemporâneo e da discriminação contra os Roma.

Estas recomendações destinam-se a fornecer aos decisores políticos, educadores e profissionais uma base informada por peritos que os ajudará a:

- desenvolver os seus conhecimentos sobre a perseguição e o genocídio dos Roma e sobre a resistência e a ação dos Roma face aos crimes Nazis, assegurando a exatidão da sua compreensão e, ao mesmo tempo, sensibilizando-os para as consequências do anticiganismo/anti-discriminação Roma.
- criar um ambiente de ensino harmonioso, baseado nas melhores práticas, para aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma.
- promover o pensamento crítico e reflexivo sobre a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era Nazi, incluindo a continuidade da discriminação e da exclusão das comunidades Roma, enquanto consequência da ignorância das sociedades tradicionais no pós-guerra, a falta de reconhecimento e de indemnização das vítimas Roma e o impacto dessa situação no anticiganismo/anti-discriminação contemporânea.
- identificar as fontes adequadas e as melhores práticas em contextos educativos formais e informais e oferecer orientações práticas para atualizar os currículos nacionais.
- contribuir para a educação em matéria de direitos humanos e de prevenção do genocídio. Embora enraizadas no passado, estas Recomendações estão orientadas para o futuro - procurando promover um reconhecimento e uma inclusão mais alargados dos Roma na sociedade e na cultura da memória.

Estas Recomendações foram concebidas para orientar, a nível nacional e a nível local, a criação de políticas, estratégias, e metodologias e materiais de ensino. Isto deve incluir a participação ativa das comunidades Roma nacionais e locais e de outros *stakeholders* relevantes na memorialização e na educação, tais como memoriais e museus. Os programas e materiais educativos de divulgação podem ser concebidos para diferentes grupos etários e adaptados a contextos educativos formais e não formais.

Contexto e terminologia

O tema central destas Recomendações é a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era Nazi. Alimentados pela discriminação histórica e por uma ideologia racial pseudocientífica, os Nazis e os seus colaboradores visaram os Roma da Europa.

Em toda a Europa ocupada pelos Nazis, a perseguição dos Roma foi levada a cabo de diversas formas, por diferentes perpetradores, incluindo as forças de ocupação e as populações locais, o que contribuiu para experiências diferentes entre as comunidades Roma.

Estas Recomendações utilizam definições e terminologia adotadas pela IHRA. A expressão *Nazis* e os *seus colaboradores* ou formulações semelhantes referem-se à Alemanha Nazi e aos parceiros Fascistas e nacionalistas extremistas e outros colaboradores que participaram nestes crimes.

O termo *Roma*, formalmente introduzido durante o primeiro Congresso Mundial dos Roma, em 1971, é utilizado nestas Recomendações como um termo abrangente para descrever uma minoria europeia de origem Indiana com a sua própria história, língua e cultura. Inclui mais de quarenta grupos diferentes relacionados, alguns dos quais optam por não utilizar este termo. Em Romani, a língua de muitos destes grupos, o termo *Roma* é utilizado para designar todos os membros das comunidades.

Alguns termos relacionados com a memória da perseguição e do genocídio dos Roma são objeto de debate e de discussões em curso. Reconhecemos esses casos sem preferência.

Os intelectuais Roma propuseram vários termos derivados do Romani para designar a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era nazi (por exemplo, *Samudaripen*, que significa “assassinio de todos”). É importante consultar as comunidades Roma locais e os especialistas sobre a terminologia preferida nos contextos nacionais e locais.

Ao longo destas Recomendações, o termo Roma inclui homens, mulheres e pessoas não binárias.

O termo *anticiganismo* tem um significado diferente de *racismo anti-Roma*, *anti-Roma discriminação*, ou *ódio contra os Roma*.

Os termos *racismo anti-Roma/anti-discriminação Roma* descrevem o ódio contra os Roma enquanto grupo étnico. Referem-se à discriminação contra os Roma pelo simples facto de serem Roma. Por outras palavras, estes termos são uma forma específica e direcionada de xenofobia.

Anticiganismo refere-se ao ódio baseado no conceito racista e estereotipado de “cigano” (em alemão, *Zigeuner*) e nas falsas características racistas associadas ao termo. É frequentemente dirigido contra os Roma, mas pode ser dirigido a **qualquer indivíduo ou grupo que se considere corresponder a este conceito racista**. Este termo é importante porque ajuda a realçar e a explicar um conceito racista que está profundamente enraizado na sociedade. O termo *anticiganismo* **muda a perspetiva para se centrar no racista e não na vítima**. O termo “cigano” não existe exceto como uma construção racista distorcida na mente do *hater*. O significado do termo *anticiganismo* sublinha a responsabilidade das sociedades pelos efeitos duradouros da exclusão racista.

O termo *Zigeuner*, ou o seu equivalente noutras línguas, é sempre depreciativo e nunca deve ser utilizado, especialmente em contextos educativos.

Ao desenvolver materiais didáticos e atividades comemorativas a nível local e nacional, é essencial estabelecer um diálogo com as comunidades Roma locais.

A definição de trabalho da IHRA de anticiganismo/anti-Roma discriminação

Estas Recomendações têm por referência a definição de trabalho de anticiganismo/anti-discriminação Roma, adotada pela IHRA em 2020:

Anticiganismo/anti-discriminação Roma é a manifestação de expressões e atos individuais, bem como de políticas e práticas institucionais de marginalização, exclusão, violência física, desvalorização das culturas e dos estilos de vida Roma, e discursos de ódio dirigidos aos Roma, bem como a outros indivíduos e grupos considerados como “Ciganos”, estigmatizados ou perseguidos durante a era nazi e ainda na atualidade. Isto leva ao tratamento dos Roma como alegadamente um grupo estranho e associa-os a uma série de estereótipos pejorativos e imagens distorcidas que representam uma forma específica de racismo.

A definição de trabalho pormenoriza as manifestações contemporâneas de anticiganismo/anti-discriminação Roma, tendo em conta o contexto geral dos exemplos.

Para saber mais sobre a definição de trabalho de anticiganismo/anti-Roma discriminação, consulte o website da IHRA.

Negação e distorção do genocídio dos Roma

A definição de trabalho não juridicamente vinculativa da IHRA para a negação e distorção do Holocausto é a seguinte:

Por negação do Holocausto entende-se todo o discurso e propaganda que negam a realidade histórica e a dimensão do extermínio dos Judeus pelos Nazis e seus cúmplices no decurso da Segunda Guerra Mundial, conhecida por Holocausto ou por Shoah. A negação do Holocausto refere-se especificamente a qualquer tentativa de afirmação de que o Holocausto/Shoah não ocorreu. A negação do Holocausto pode incluir a negação ou o questionamento públicos da utilização dos principais mecanismos de destruição (tal como câmaras de gás, fuzilamentos em massa, fome e tortura) ou a intencionalidade do genocídio do povo Judeu.

A distorção do genocídio dos Roma exhibe as mesmas estratégias. A IHRA abordou a negação e a distorção do genocídio dos Roma, em 2024, no âmbito da campanha [#ProtectTheFacts](#).

Vozes Roma

“Os responsáveis políticos pela educação e pela memória devem trabalhar em estreita colaboração com as comunidades Roma. As comunidades Roma também precisam de conhecer o seu passado, mas as suas perspetivas, necessidades e narrativas devem ser uma parte importante do que e como é comunicado sobre a história dos Roma.”

Anna Daróczi, Hungria

Quem pode beneficiar destas Recomendações?

Estas Recomendações destinam-se aos decisores políticos (conselheiros políticos, ministros, administradores educativos, etc.), aos decisores políticos no domínio da educação e da preservação da memória, aos responsáveis pelo desenvolvimento da formação pedagógica e dos currículos escolares, aos autores de manuais escolares, aos formadores de professores, aos professores, aos educadores de museus e de sítios memoriais, arquivos, bibliotecas, bem como aos agentes da educação formal e não formal (da sociedade civil e das organizações não governamentais).

Estes profissionais desempenham diferentes papéis nos seus ambientes educativos e podem todos beneficiar de uma reflexão crítica sobre porquê, o quê e como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma.

Uma vez que a memorialização e os eventos comemorativos são importantes para o avanço da aprendizagem e da consciencialização, estas Recomendações podem também ser utilizadas pelos governos e/ou organizações não governamentais para informar o desenvolvimento de programas que comemorem a perseguição e o genocídio dos Roma, incluindo cerimónias, exposições e workshops.

Como utilizar estas recomendações

As presentes Recomendações são compostas pelas seguintes secções:

1. Fundamentação e justificação: **Porquê** ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?
2. Conteúdo: **O que** ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?
3. Política educativa e pedagógica: **Como** ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

As vozes dos Roma apresentadas ao longo destas Recomendações oferecem perspetivas de membros da comunidade Roma, incluindo jovens e descendentes de sobreviventes, refletindo experiências e perspetivas diversas sobre os legados e as consequências da perseguição e do genocídio dos Roma e a importância da educação nos dias de hoje.

Ao longo destas Recomendações, os exemplos históricos não pretendem ser abrangentes ou universais. Os *stakeholders* do setor da educação devem esforçar-se por utilizar exemplos locais e específicos do contexto e práticas de aprendizagem inclusivas que integrem as perspetivas dos Roma.

O ensino desta história deve ser conduzido com sensibilidade e cuidado, uma vez que o tema pode evocar histórias pessoais e/ou familiares traumáticas, particularmente para os educadores e alunos Roma nas salas de aula e noutros contextos educativos.

Exemplo histórico

1

O Centro Memorial Uštica dos Roma, na Croácia, e o Memorial Lety u Písku, na República Checa, foram construídos in situ para comemorar o genocídio dos Roma durante a Segunda Guerra Mundial e são exemplos de grandes iniciativas tomadas pelas comunidades e ativistas locais dos Roma e da sua cooperação com os governos e os Estados nacionais.

Porquê ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?



Vozes Roma

“Aprender sobre a perseguição dos Roma durante a era Nazi ajuda a desenvolver empatia e uma compreensão mais profunda do sofrimento humano. Trata-se de ver para além das nossas próprias experiências e reconhecer as injustiças que os outros enfrentaram, o que pode tornar-nos mais compassivos e socialmente conscientes.”

Adonis Borneo Salihi, Croácia

“As recomendações da IHRA podem ajudar a reforçar a identidade dos jovens Roma. Isto implica a criação de um ambiente onde possam crescer sem discriminação e ter confiança na sua identidade e no seu futuro, apreciando, em simultâneo, a sua história e as suas origens e tradições culturais pluralistas. Ajudará também a sociedade em geral a compreender melhor esta parte da história dos Roma e a deixar de os tratar como «estrangeiros» ou «forasteiros».”

Olena Vaidalovych, Ucrânia



Porquê ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

Ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma é imperativo para atingir os seguintes objetivos:

Reconhecer o genocídio dos Roma

A ascensão dos Nazis ao poder na Alemanha, em 1933, e a guerra que se lhe seguiu desencadearam a perseguição e o assassinio dos Roma. O genocídio foi sistemático no Reich alemão e nos territórios ocupados, bem como em alguns Estados colaboradores, e atingiu a maioria dos países da Europa no final da Segunda Guerra Mundial, em 1945. O resultado deste crime teve consequências que se estenderam por gerações.

Durante décadas, o genocídio dos Roma foi amplamente ignorado. O seu reconhecimento oficial teve início na década de 1980, após uma pressão constante dos ativistas e das ONG que trabalham com os Roma. Muitos países reconheceram oficialmente o seu papel neste genocídio. No entanto, o sofrimento dos Roma ainda não é suficientemente reconhecido devido à falta de conhecimento e às atitudes negativas em relação à minoria rom. Ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma significa reconhecer e comunicar esta história e estudar as ramificações do anticiganismo/anti-discriminação Roma. O estudo deste genocídio é importante por si só, enquanto acontecimento histórico significativo. Um passo importante para o reconhecimento foi a criação de um dia de evocação a 2 de agosto, iniciado pelas comunidades Roma e apoiado por muitos países, especialmente após a resolução do Parlamento Europeu em 2015.

Refletir sobre as raízes históricas do anticiganismo e do ódio contra os Roma

Ao aprenderem sobre o genocídio dos Roma, os alunos devem compreender as consequências de longa data dos estereótipos, preconceitos e hostilidade contra as minorias. Em muitas partes da Europa, os Roma têm sido estigmatizados e perseguidos durante séculos. Foram vítimas do surgimento de estados-nação etnicamente

definidos no século XIX, que assistiram ao aparecimento de um nacionalismo excludente e que, mais tarde, deixou muitos Roma sem cidadania.

Embora seja necessário reconhecer séculos de anticiganismo, é também necessário reconhecer as contribuições históricas, a influência cultural e o lugar legítimo dos Roma nos seus respetivos países.

A política do regime Nazi contra os Roma fez uso de estereótipos generalizados e de preconceitos profundamente enraizados, reforçando-os e enraizando-os na sua ideologia racista. Isto traduziu-se numa política genocida na Alemanha e nos países ocupados pelos alemães. A Segunda Guerra Mundial permitiu ainda que os países alinhados com a Alemanha implementassem as suas próprias políticas e perseguições contra as comunidades Roma locais.

Aprender sobre as condições e os processos que conduziram ao assassinio em massa

O genocídio dos Roma não aconteceu de um dia para o outro. Pelo contrário, é o culminar de uma longa história de perseguição. É importante compreender as suas raízes, o contexto e os processos que conduziram à aniquilação. Com base em políticas raciais, as pessoas identificadas como “ciganos” foram privadas de direitos humanos e sujeitas a exclusão social e económica. Esta situação não foi contestada pela população maioritária e preparou o caminho para a destruição: os Roma foram selecionados e esterilizados à força, deportados, mortos à fome e assassinados em guetos, campos de concentração e de extermínio - ou executados onde quer que fossem encontrados.

O ensino sobre a perseguição e o genocídio dos Roma deve mostrar que não se tratou de um acontecimento isolado. Desenvolveu-se no contexto de uma ditadura, culminando durante a guerra e tendo como pano de fundo o Holocausto. O processo genocida foi posto em marcha, apoiado e executado por uma multiplicidade de atores: académicos, cientistas, políticos, vários organismos administrativos, agências de segurança, unidades do exército e cidadãos comuns.



Vozes Roma

“O facto de não se reconhecer e reconhecer o sofrimento dos Roma não só mantém vivos os sentimentos de marginalização e trauma, como também corre o risco de repetir os erros do passado. Ao mesmo tempo, enquanto comemoramos a resiliência dos sobreviventes, temos também de reconhecer os desafios que enfrentam atualmente.”

Kludia Veizaj, Albânia





Vozes Roma

“A perspetiva dos Roma apenas como vítimas deve ser substituída pelo facto de os Roma terem sido antifascistas e combatentes da resistência. Houve muitos partisanos Roma, verdadeiros e reais combatentes contra o fascismo. Os Roma devem ser inscritos entre as nações vencedoras da Segunda Guerra Mundial. A participação dos Roma - e não apenas o sofrimento - na criação da Europa após a Segunda Guerra Mundial deve ser objeto de maior atenção. É necessário um sentimento de orgulho entre os Roma. Este deve ser encorajado.”

Osman Balić, Sérvia



Desafiar as imagens negativas transmitidas pelos perpetradores

Para legitimar as suas ações durante a era Nazi, os perpetradores recorreram a estereótipos históricos de longa data e estigmatizaram os Roma como “associais” e “criminosos natos”. Esta imagem distorcida dos Roma manteve-se viva depois da guerra e impediu o julgamento destes crimes e o seu reconhecimento como genocídio. Estas imagens, difundidas pelos perpetradores, são muito influentes até aos dias de hoje.

Ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma é um meio de desafiar e mudar perspetivas. As histórias das vítimas, dos sobreviventes e das suas famílias têm de estar no centro do ensino e da aprendizagem. Ouvir as suas histórias permite-nos compreender a forma como viveram a perseguição - e o peso dessa experiência que também recaiu sobre as gerações seguintes.

O ensino sobre este genocídio deve também incluir as histórias dos Roma que resistiram aos Nazis e aos seus colaboradores e contribuíram para a sua derrota.

Analisar criticamente a colaboração e as responsabilidades no passado e no presente

Após a Segunda Guerra Mundial, continuaram a existir várias formas de anticiganismo/anti-discriminação Roma. Este facto ajudou os perpetradores a minimizarem as deportações e os assassinios como medidas preventivas contra a alegada criminalidade. Os países alegaram que os crimes contra os Roma foram exclusivamente cometidos pelas forças alemãs. De facto, em muitos territórios ocupados, colaboradores e partes da população

acolheram e apoiaram as ações assassinas da Alemanha Nazi contra os Roma. Nos países alinhados com a Alemanha, as agências nacionais desempenharam um papel de liderança na perseguição e algumas delas implementaram medidas específicas contra os Roma, como por exemplo, campos de internamento ou de detenção. A discussão das múltiplas causas e situações ajuda a identificar as especificidades nacionais.

Durante décadas, após o fim da Segunda Guerra Mundial, muitos países continuaram a aplicar medidas coercivas contra os Roma, como a segregação rigorosa, a esterilização forçada, o afastamento de crianças ou a colocação de crianças em “escolas especiais” e a deslocação de sobreviventes do genocídio e das suas famílias. Ainda hoje, em muitos países, os Roma são discriminados e privados do seu lugar de direito como cidadãos.

Confrontar e abordar o passado inclui abordar e analisar criticamente a colaboração e as responsabilidades durante este genocídio e a injustiça que ocorreu no seu rescaldo.

Exemplos históricos

2

Romani Rose (1946), nascido no seio de uma família Sinti em Heidelberg, Alemanha, é o fundador do Conselho Central dos Sinti e dos Roma alemães. Treze dos seus familiares foram assassinados durante o genocídio. Ele foi determinante para assegurar o reconhecimento do genocídio na Alemanha em 1982, bem como o reconhecimento dos Sinti e dos Roma como uma minoria nacional na Alemanha. Foi a força motriz por detrás da criação do Memorial aos Sinti e aos Roma da Europa assassinados durante o Nacional-Socialismo, em Berlim, inaugurado em 2012.

3

Em Lety u Písku, no Protetorado da Boémia e Morávia anexado à Alemanha, havia um campo específico para onde eram enviados os Sinti e os Roma. Muitos morreram no campo, enquanto a maioria foi deportada para Auschwitz-Birkenau. A história do campo foi esquecida depois de 1945, e o local foi utilizado como uma exploração industrial de suínos. Na década de 1990, a utilização do local suscitou grandes protestos e a quinta tornou-se o centro de uma controvérsia pública. Graças à defesa de sobreviventes e de ativistas, o Estado Checo adquiriu o local e criou um memorial, inaugurado em abril de 2024.

Sensibilizar para a persistência do anticiganismo e do racismo contra os Roma

Os Roma continuam a estar expostos à violência e à perseguição e correm mesmo o risco de serem vítimas de genocídio. Os discursos de ódio e os preconceitos contra esta minoria estão a aumentar em muitos locais. O anticiganismo é uma das principais razões para a exclusão social e a marginalização. Além disso, os Roma são frequentemente apontados como bodes expiatórios em tempos de transformação social e política. Aprender sobre este genocídio pode contribuir para a compreensão de quão perigosos são tais atitudes e comportamentos e de como podem agravar-se em determinadas condições.

O ensino, baseado numa investigação histórica e numa pedagogia sólidas, permite a identificação de imagens e narrativas tendenciosas. Além disso, ajuda a compreender as diferenças entre factos e construções de motivação política ou ideológica. Isto também aumenta o pensamento crítico e desconstrói imagens e estereótipos perigosos e depreciativos.



Vozes Roma

“A educação para a memória e a comemoração é uma ferramenta para reforçar a identidade dos Roma e uma ferramenta para lutar pelos direitos humanos e contra a discriminação.”

Olena Vaidalovych, Ucrânia

“Para os sobreviventes do genocídio dos Roma e para os seus descendentes, a falta de compreensão e reconhecimento das suas experiências pode levar a sentimentos de isolamento, invisibilidade e trauma. Sem o devido reconhecimento e apoio, os indivíduos podem ter dificuldade em processar e curar o trauma intergeracional causado pela perseguição. Sem uma compreensão abrangente do genocídio e do seu impacto, os programas de ensino podem não abordar adequadamente este capítulo da história. Este facto pode perpetuar estereótipos, desinformação e ignorância sobre a comunidade Roma, dificultando os esforços para combater a discriminação e promover a inclusão.”

Mia Taikon, Suécia

“A nível nacional, a compreensão desta história garante que as histórias de todas as vítimas são recordadas, promovendo um retrato mais inclusivo e honesto do nosso passado. Esta consciencialização pode conduzir a melhores políticas e atitudes sociais, ajudando a sarar feridas históricas e a promover a unidade. A nível mundial, este conhecimento reforça o nosso compromisso para com os direitos humanos e combate a discriminação. Ao reconhecerem estas atrocidades, os países podem trabalhar em conjunto para apoiar as comunidades marginalizadas e evitar que tais horrores voltem a acontecer.”

Adonis Borneo Salihi, Croácia



O que ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?



Vozes Roma

“Ao longo dos meus quinze anos de educação na escola pública, nunca fui educada sobre a experiência dos Roma durante o Holocausto. Se não fosse a minha avó ter partilhado as histórias da sua família, em especial a da sua irmã que foi submetida a experiências médicas, eu nunca teria tido conhecimento desta tragédia. Quero ver as nossas histórias incluídas na educação sobre o Holocausto por todo o meu país e a nível internacional”.

Gina Csanyi-Robah, Canadá

“A falta de vontade política pode ser um grande problema. A falta de reconhecimento do *Samudaripen* e a discriminação contra os Roma podem limitar a implementação de políticas públicas e políticas educativas.”

Javier Amicelli, Argentina



O que ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

A história da era Nazi e do genocídio dos Roma raramente é ensinada nas escolas e o conhecimento dos educadores e dos alunos continua a ser limitado. É, por isso, importante concentrar-se na transmissão de conhecimentos factuais sobre o genocídio e o seu contexto mais alargado.

Aos alunos devem ser apresentadas:

- as condições históricas e as principais etapas do processo deste genocídio.
- a extensão em que pessoas ou instituições iniciaram ou participaram ativamente nos crimes ou se recusaram a cometê-los.
- os efeitos da perseguição racial e do assassinio em massa sobre os Roma e a forma como estes reagiram.

O ensino e a aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma poderão variar em função dos contextos nacionais e locais

Pode ser introduzido, a todos os alunos, conhecimento geral e, em seguida, pode ser introduzida informação mais relevante para o contexto, dependendo do país e/ou das histórias locais. Os educadores são encorajados a identificar conteúdos relevantes específicos de cada país para aprofundar os conhecimentos dos alunos:

- O genocídio dos Roma foi iniciado pela Alemanha Nazi, mas foi implementado com a ajuda ou em colaboração com indivíduos e Estados.
- Alguns Estados perseguiram e assassinaram radicalmente os Roma - quase sem qualquer iniciativa ou apoio por parte da Alemanha.
- As medidas que prepararam o terreno para este genocídio, tais como a estigmatização, o registo, a privação de direitos e o isolamento, variaram na Europa antes da guerra.

- Os países que não tomaram medidas diretas de perseguição no seu território podem ter participado na perseguição e no genocídio de outras formas, por exemplo, fechando as fronteiras, aceitando ou ignorando a perseguição, propagando práticas racistas e eugénicas ou participando ativamente na guerra da Alemanha Nazi.

O ensino e a aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma beneficiarão de mais conhecimentos históricos e recursos educativos

Devem ser transmitidos conhecimentos básicos sobre os seguintes aspetos:

- Os Roma, presentes em todos os países europeus antes da fundação dos Estados modernos, têm uma história e uma identidade diversas. A visão distorcida e a representação predominante dos Roma não refletem esta diversidade.
- Os Roma, que vivem na Europa há mil anos, são cidadãos dos seus respetivos países há muitas gerações, fazem parte da história europeia e contribuíram para a cultura europeia.
- A partir do século XIX e até hoje, os Roma procuraram estabelecer-se noutros países, também fora da Europa, devido à perseguição, ao racismo e à exclusão social. Levaram consigo a sua história para os seus novos países de origem.
- Em muitos países, os Roma estão protegidos pela Convenção-Quadro para a Proteção das Minorias Nacionais. A promoção da igualdade, da participação, da cidadania nacional e da sua contribuição para as sociedades europeias desempenha um papel importante na luta contra o antigitanismo e a anti-Roma discriminação.

Exemplo histórico

4

Anton Reinhardt (1927-1945), um Sinto¹ alemão de Weiden, fugiu da Alemanha, atravessando o Reno a nado, para a Suíça em agosto de 1944. A polícia Suíça entregou-o à Alemanha, em setembro do mesmo ano, após a rejeição do seu pedido de asilo. Foi fuzilado pelos Nazis em março de 1945.

¹ Sinto: Palavra para designar um homem Sinti. Sintizza: Palavra para designar uma mulher Sinti.

O que ensinar: conteúdo histórico fundamental

O genocídio dos Roma foi uma campanha estatal de perseguição e assassinio levada a cabo pela Alemanha Nazi e os seus colaboradores entre 1933 e 1945. Com a crescente anexação e ocupação de territórios europeus por parte da Alemanha, e a colaboração e as ações auto-iniciadas por parte de Estados alinhados com a Alemanha, a perseguição e o assassinio generalizaram-se.

Os conhecimentos históricos essenciais permitem aos alunos colocar questões e levantar problemas relacionados com o genocídio dos Roma. A estruturação do conteúdo em diferentes fases serve para dividir o conhecimento em tópicos fáceis de gerir. A história da perseguição e do genocídio dos Roma deve ser integrada na história do Nacional Socialismo, do Fascismo, da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto.

História prévia	• O anticiganismo na Europa • O desenvolvimento do racismo e da eugenia • O impacto da construção das nações desde o século XIX • Os Roma como europeus e parte integrante da história e da cultura europeias • As comunidades Roma no início do século XX
A Alemanha Nazi 1933-1939	• Política racial Nazi contra pessoas rotuladas de “Zigeuner” • Instituições estatais de perseguição • Medidas contra os Sinti* e os Roma • Reações internacionais e sociais à perseguição
Segunda Guerra Mundial	• O impacto da guerra na perseguição dos Roma • Deportações, campos, internamentos, trabalhos forçados e esterilização forçada • Assassinatos em massa • Diferentes abordagens e manifestações de perseguição nos Estados europeus • História interligada: vítimas da “eutanásia”, Judeus, outros grupos e Roma • Resistência e salvamento
Pós-guerra: Consequências	• Situação dos sobreviventes após a libertação e traumas intergeracionais • Perseguição/Acusação dos autores dos crimes • Anticiganismo nas sociedades do pós-guerra • Negação e distorção, falta de reconhecimento e de indemnização e falta de investigação • Movimentos de defesa dos direitos civis dos Roma • Cultura da memória

* Os Sinti foram o grupo mais afetado na Alemanha Nazi



Vozes Roma

“A comunidade Roma continua a ser perseguida. A visão dos Roma é depreciativa porque ainda existem fortes estereótipos. É por isso que, para mim, uma pessoa heroica é aquela que consegue aceitar verdadeiramente alguém que é diferente.”

Rasma Pažemeckaite, Lituânia



Contextos e desenvolvimentos

Para compreender como foi possível a perseguição e o genocídio dos Roma, os educadores devem considerar uma variedade de processos, tomando vários aspetos como ponto de partida. A incorporação e análise dos contextos nacionais e locais é essencial em todo o processo.

Nos parágrafos seguintes, cada tópico será abordado a partir de diferentes perspetivas e as questões levantadas destinam-se a fornecer um quadro básico para o que ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma durante a era nazi.

História anterior: da Idade Média ao início do século XX

- O antiganismo/anti-discriminação Roma ocorreu durante séculos em algumas partes da Europa e emergiu como um fenómeno dominante determinado por imagens estereotipadas do “cigano”.
- Com o aparecimento do racismo moderno no século XIX, os Roma foram estigmatizados como “estrangeiros”. Durante a formação dos estados-nação, a aspiração à homogeneidade étnica fomentou uma infinidade de leis e iniciativas discriminatórias e anti-Roma. Sem esta longa exclusão dos Roma, que foi apoiada por grandes sectores da sociedade, o regime Nazi e os estados colaboradores não teriam conseguido implementar as suas políticas racistas.
- A realidade das comunidades Roma não se reflete nas imagens estereotipadas e amplamente difundidas que resultam da ignorância e do preconceito. Os Roma fazem parte das sociedades europeias há séculos e ajudaram a moldar a cultura europeia - por exemplo, nas artes, na economia e nas línguas.
- Apesar de séculos de preconceito e discriminação, as mulheres e os homens Roma conseguiram alcançar a participação social, política e económica.

Alemanha Nazi, 1933-1939: Ideologia racial e prática política

- A ditadura Nacional-Socialista que, em 1933, chegou ao poder na Alemanha, aboliu imediatamente os direitos fundamentais, impôs os seus objetivos políticos com um terror brutal, e estabeleceu um Estado em que a "raça" se tornou um dos principais princípios orientadores da política.
- Tal como os Judeus, os Sinti e os Roma foram declarados uma "raça estranha" em 1935, através de legislação baseada nas Leis de Nuremberga. A mudança para uma construção racial esteve no centro da política Nazi de perseguição dos Roma, facilitando métodos mais severos do que as anteriores formas de perseguição.
- Foi a Polícia Criminal do Reich, sob a direção do Reichsführer das SS, Heinrich Himmler, que, juntamente com cientistas da "Unidade de Investigação de Higiene Racial" de Berlim, procedeu ao registo de todos os Sinti e Roma na Alemanha Nazi, criando a base ideológica e prática para este genocídio.
- Os Sinti e os Roma foram expulsos da vida social e das suas profissões. A partir de 1935, foram criados dezenas de campos de detenção só para esta minoria na Alemanha e nos países anexados. Foram assim isolados do resto da população e recrutados para trabalhos forçados. Já em 1938, centenas de homens de etnia Roma foram deportados, por motivos racistas, para campos de concentração.

A Segunda Guerra Mundial: radicalização da perseguição e assassinio em massa

- Com a invasão da Polónia pelas tropas alemãs, em setembro de 1939, a política contra os Sinti e os Roma radicalizou-se - o Reich Nazi aproveitou a oportunidade para deportar todos os Sinti e Roma. A guerra criou uma oportunidade para o assassinio em massa.
- A perseguição dos Roma durante a Segunda Guerra Mundial funcionou de forma diferente nos vários países ocupados pela Alemanha. Nos países onde os Roma eram alvo de perseguições raciais e considerados como um grupo ameaçador, as perseguições foram mais severas. Nos países onde os Roma permaneceram relativamente invisíveis para as forças de ocupação e onde não houve iniciativas locais contra os Roma, a perseguição foi menos severa. O tipo de política de ocupação, as especificidades nacionais, as considerações táticas, a vontade de colaboração e a progressão da guerra ao longo do tempo também desempenharam um papel na intensidade da perseguição. Em muitos Estados, os Roma foram sujeitos a internamento, deslocalização, trabalhos forçados e outras medidas repressivas.
- A Alemanha avançou com deportações em massa do território alemão, incluindo a Áustria e o Protetorado da Boémia e Morávia, bem como de partes anexadas da Polónia, da Bélgica, do Norte da França e dos Países Baixos. Os Sinti e os Roma desses territórios foram maioritariamente vítimas de campos de concentração e de extermínio. Para além disso, foi implementada na Alemanha uma política rigorosa de esterilização forçada contra um pequeno grupo de Sinti e Roma que não tinham sido deportados para Auschwitz-Birkenau. Uma das razões para tal seria, por exemplo, o facto de serem casados com uma "Ariana" (ver exemplos históricos números 5 e 6).

- Na Europa Oriental e do Sudeste, a maioria dos Roma foi assassinada fora dos campos de concentração. No outono de 1939, em algumas partes da Polónia anexada e ocupada e, a partir de 1941, na União Soviética ocupada (Ucrânia, Bielorrússia, Estados Bálticos e partes da Rússia), a Wehrmacht, os Einsatzgruppen (esquadrões móveis de extermínio) e as unidades policiais locais e auxiliares assassinaram milhares de Roma no terreno (ver exemplo histórico número 7).
- A perseguição dos Roma nos países Fascistas e colaboradores do Nazismo foi múltipla e determinada pelas iniciativas de cada Estado. Os Roma foram quase totalmente aniquilados no Estado Independente da Croácia, muitos deles no campo de Jasenovac. Na Itália Fascista, os Roma foram enviados para locais de desterro, parcialmente internados em campos e um pequeno número foi deportado para campos na Alemanha Nazi. Na Roménia, os Roma foram vítimas de deportações em massa para a Transnístria, das quais apenas metade sobreviveu. Na Eslováquia e na Hungria, os Roma foram sujeitos a trabalhos forçados, massacres e deportações, especialmente depois de as tropas alemãs, em março de 1944 e em agosto de 1944, terem invadido estes antigos países colaboradores (ver exemplo histórico número 8).
- A perseguição e o genocídio dos Roma não foram um facto isolado. A política racial do regime Nazi começou por ultrapassar o limiar do assassinio com a morte de pessoas consideradas “deficientes” ou “hereditariamente doentes”. As experiências com estes assassinios, o respetivo pessoal e as técnicas de execução foram depois utilizados nos assassinios das populações Judaica e Roma. A maioria das vítimas Roma foi morta por autoridades, como batalhões da polícia, a Wehrmacht e auxiliares locais (as mesmas unidades responsáveis pelo assassinio de milhões de Judeus fora dos campos e pelos massacres de civis eslavos na Europa de Leste).

Exemplos históricos

5

Em novembro de 1941, 5.007 Roma, mais de metade dos quais crianças, foram deportados da Áustria (que foi anexada à Alemanha) para o gueto de Łódź. Depois de várias centenas de deportados terem morrido no gueto, os que ainda estavam vivos foram levados para o campo de extermínio de Chełmno, a poucos quilómetros de distância, em dezembro de 1941 e em janeiro de 1942, onde foram assassinados com gás. De acordo com as últimas descobertas, apenas um homem, **Kinophas Schmidt**, sobreviveu.

6

A 16 de dezembro de 1942, o SS Reichsführer Heinrich Himmler ordenou a deportação de Sinti e Roma para o campo de concentração e extermínio de Auschwitz-Birkenau. De fevereiro de 1943 a julho de 1944, cerca de 23.000 homens, mulheres e crianças foram deportados para lá e alojados numa secção separada do campo (BIIe). Devido às péssimas condições do campo, à violência das SS, às experiências médicas e às seleções regulares para as câmaras de gás, a taxa de mortalidade foi muito elevada. Depois de os prisioneiros supostamente “aptos para o trabalho” terem sido transferidos para outros campos de concentração, os restantes cerca de 4.300 Sinti e Roma foram assassinados nas câmaras de gás.

- O assassinio dos Roma não teria sido possível sem o apoio de uma grande parte da população. E, no entanto, houve indivíduos que recusaram a política assassina e procuraram proteger e salvar os Roma.
- Mesmo no meio de uma opressão severa e de oportunidades de ação cada vez mais limitadas, muitos Roma resistiram. Fugiram à perseguição e à deportação para campos de concentração e ajudaram-se uns aos outros. Os Roma também lutaram como partisanos ou em exércitos regulares contra os perpetradores (ver exemplos históricos números 9, 10 e 11).

Consequências: Libertados, mas não reconhecidos

- Com a vitória dos Aliados sobre a Alemanha Nazi, a mortandade terminou. Os sobreviventes dos campos ficaram sem nada. Muitos tinham perdido as suas famílias e possuíam apenas o que vestiam.
- As sociedades eram muitas vezes antipáticas para com os sobreviventes de etnia Roma e continuavam a ser-lhes hostis. Ao mesmo tempo, não existia uma ajuda internacional organizada para este grupo de vítimas. Em muitos países, continuaram a ser tomadas medidas discriminatórias, como o registo, a criminalização ou a segregação.
- Durante os julgamentos do pós-guerra, a perseguição e o genocídio dos Roma foram tratados apenas de forma periférica. Apesar dos numerosos esforços dos sobreviventes para levar os responsáveis a tribunal, os perpetradores permaneceram em grande parte impunes.
- Foram necessárias décadas para que este genocídio fosse reconhecido pelo público e pelos governos. Como a perseguição não foi reconhecida como um crime do Nacional-Socialismo e o seu carácter racista foi negligenciado, as vítimas receberam pouca ou nenhuma indemnização.
- Foi apenas graças aos esforços consistentes e organizados dos sobreviventes Roma, das suas famílias e da sociedade civil que os crimes contra os Roma foram reconhecidos. Os Roma desempenharam um papel fundamental na luta pela justiça (ver exemplo histórico número 14).
- A memória da perseguição e do genocídio dos Roma só passou a fazer parte da cultura pública da memória décadas após a guerra, mas ainda hoje não está suficientemente presente em muitos países.



Vozes Roma

“As consequências da falta de conhecimento e de compreensão da perseguição e genocídio dos Roma durante a era Nazi para a sociedade refletem-se no aumento do nacionalismo e no aumento do sentimento anti-Roma, em que a frustração social procura bodes expiatórios.”

Osman Balić, Sérvia



Exemplos históricos

- 7** Na Sérvia ocupada pelos alemães, milhares de Judeus, Roma e Sérvios foram fuzilados por ordem da Alemanha, como retaliação pelos soldados da Wehrmacht que tinham sido mortos ou feridos na luta contra a insurreição. Os infames massacres tiveram lugar em Kragujevac, Leskovac e Zasavica. No campo de concentração alemão de Topovske Šupe, em Belgrado, cerca de 5.000 judeus e 1.500 homens de etnia Roma foram mantidos como reféns. Eles foram fuzilados, entre setembro e novembro de 1941, em vários locais de extermínio nos arredores de Belgrado.
- 8** Em agosto de 1941, as autoridades Ustasha do Estado Independente da Croácia criaram o campo de Jasenovac, que consistia numa série de campos mais pequenos. Sérvios, Judeus, Roma, comunistas e antifascistas foram deportados e mortos nesse campo. A deportação Roma em massa para Jasenovac começou a 19 de maio de 1942, na sequência de uma ordem especial emitida pelas autoridades estatais à polícia e aos militares. A maior parte das vítimas da etnia Roma, no Estado Estado Independente da Croácia, foi morta neste que era o maior campo Ustasha, o qual permaneceu operacional até ao final de abril de 1945. De acordo com a lista de vítimas individuais do campo de concentração de Jasenovac, elaborada pelo Memorial de Jasenovac, pelo menos 16.173 Roma foram mortos nesse campo.
- 9** **Stevan Đorđević Novak** (1919-1943) nasceu em Radičevac, na Jugoslávia (Sérvia). Durante a Segunda Guerra Mundial, juntou-se à resistência partisan jugoslava no Leste da Sérvia, onde se distinguiu como combatente e oficial partisan, com o posto de sargento. Stevan foi ferido em combate e não recuperou dos ferimentos. Em novembro de 1953, Stevan Đorđević Novak foi declarado Herói Nacional, tornando-se o único Roma da Jugoslávia a receber tal reconhecimento.
- 10** Os Roma também participaram ativamente como *partisans* na Bielorrússia ocupada pelos alemães. Oito dos cinquenta e seis Roma bielorrussos que foram distinguidos pelas suas atividades de partisans, entre 1941 e 1944, eram mulheres. Uma delas, **Stanislawa Chubreeva** (1924), lutou num grupo de *partisans* depois de a sua família ter sido assassinada pelos ocupantes alemães em novembro de 1942. Participou em quatro operações de combate e cinco operações de “guerrilha”, tendo capturado armas ao inimigo.
- 11** **Josef Serinek** (1900-1974) nasceu em Bolevec, hoje parte de Plzeň, na República Checa. Ele atuou como correio entre os comunistas da Alemanha e da Checoslováquia e foi preso em 1937, tendo permanecido preso até ao final da década de 30. Juntamente com a sua mulher e seis filhos, foi deportado, em 1942, para o campo de Lety. A sua família foi assassinada nesse campo ou em Auschwitz-Birkenau. Serinek conseguiu fugir e lutou como partisan no movimento de resistência checo. Organizou o seu próprio grupo de partisans e rapidamente ganhou uma boa reputação. Em 1944, foi incumbido de várias ações de resistência; combateu até ao fim da guerra. Depois da guerra, casou-se novamente e, com a sua mulher, conseguiu gerir um bar denominado “Partisan Negro”.

Exemplos históricos

- 12** | Na sequência da ofensiva alemã contra a União Soviética e da ocupação da Crimeia, os Tártaros da Crimeia opuseram-se à perseguição dos Roma Kirimlides da região, alegando que estes eram muçulmanos e assim conseguiram protegê-los dos Nazis.
- 13** | Em 1943, o **Sinto Oskar Rose** (1906-1968) tentou, por diversas vezes, contactar, pessoalmente e através de cartas, os bispos alemães, para lhes pedir que intervissem contra a deportação dos Sinti e dos Roma Alemães, na sua maioria católicos. No entanto, nenhum dos dignitários Católicos quis atender a estes apelos urgentes e tomar posição em defesa dos membros dessa minoria.
- 14** | O primeiro Congresso Mundial dos Roma, realizado em 1971, perto de Londres, contou com a participação de 23 delegados de dez países. Este Congresso marcou a criação da União Internacional dos Roma e o início dos movimentos de emancipação dos Roma e da sociedade civil dos Roma. Durante esse encontro, a bandeira e o hino dos Roma foram escolhidos. Durante o terceiro Congresso Mundial dos Roma, realizado, em 1983, em Göttingen, na Alemanha, uma das questões mais importantes foi a perseguição durante a Segunda Guerra Mundial.

Compreensão conceitual

Os alunos devem ser capazes de compreender que cada atrocidade em massa cometida pelos nazis e seus colaboradores teve as suas próprias causas e efeitos. Os alunos devem ser capazes de compreender que o genocídio é um crime específico: o genocídio tem por objetivo destruir um grupo, no todo ou em parte, e visa indiscriminadamente crianças, mulheres e homens, apenas porque pertencem a esse grupo.

Culpabilidade e responsabilidade

- Quando os alunos começam a compreender como o processo de perseguição foi multifacetado e como o genocídio dos Roma pôde acontecer, ficam em condições de abordar a questão da culpabilidade e da responsabilidade. Desta forma, os conteúdos de aprendizagem formam uma base para tópicos relacionados com o presente, como a responsabilidade cívica e o respeito pelos direitos humanos.
- Os assassinatos nos campos de extermínio e nas centenas de locais de extermínio na Europa ocupada pelos Nazis foram o ponto final de um processo de exclusão e desumanização que consistiu em muitas etapas individuais, durante as quais milhares de pessoas estiveram diretamente envolvidas.
- Para além da perpetração direta, por exemplo, como membro das SS num campo de extermínio ou como soldado numa unidade móvel de extermínio, havia muitos graus de participação no assassinio. Quer se tratasse de um médico que realizou esterilizações forçadas, um assistente social que mandou internar uma jovem num campo de concentração, um jornalista que publicou artigos que reproduziam estereótipos anti-Roma, ou um funcionário público que executou uma ordem de deportação - todos foram responsáveis pelas políticas desumanas do regime Nazi nos seus domínios.
- A reação do público deve ser cuidadosamente analisada em toda a sua complexidade. A dimensão do apoio do público às medidas de perseguição contra os Roma variava, mas muito poucos se recusavam a cooperar, a intervir ou a ajudar. Em vez disso, olharam ativamente para o outro lado, muitas vezes até enriqueceram com os bens daqueles que foram deportados ou assassinados.
- Há exemplos de pessoas que defenderam os Roma, que os ajudaram a fugir ou os esconderam com risco da própria vida. Estes exemplos mostram as condições em que as pessoas corriam esses riscos e as possibilidades de ação que existiam.
- O papel das instituições e comunidades religiosas tem de ser apresentado, em particular a ausência de protestos por parte dos líderes e funcionários religiosos contra a perseguição e a deportação dos Roma (ver exemplos históricos números 12 e 13).
- O assassinato sistemático e a desumanização dos Roma na Alemanha Nazi e nos territórios ocupados são do conhecimento do público internacional desde, pelo menos, 1943. Isto levanta a questão de saber porque é que os Aliados não se interessaram mais pelo que estava a acontecer, porque é que alguns Estados fecharam as suas fronteiras aos Roma, ou porque é que alguns até entregaram os Roma aos seus perseguidores.

Visibilidade e ação das vítimas

- Durante décadas, as vítimas da perseguição e do genocídio dos Roma foram ignoradas pelos Estados e pelas sociedades tradicionais.
- Os alunos devem conhecer as vítimas de perseguição e genocídio como pessoas e não como números anônimos. Devem compreendê-las como indivíduos com diferentes identidades, esperanças, objetivos, desejos e aspirações.
- Uma vez que este genocídio não foi reconhecido pela sociedade em geral durante muito tempo, não houve compreensão do sofrimento dos Roma perseguidos. É, por isso, de grande importância que as experiências das vítimas sejam exemplificadas.
- A perseguição de famílias inteiras é uma característica do genocídio. Embora todos os homens, mulheres e crianças tenham sido alvo dos perseguidores, alguns deles foram afetados por medidas de perseguição específicas (por exemplo, crimes médicos, abusos sexuais, rapto para orfanatos ou campos de concentração de jovens). Neste contexto, é importante salientar que uma grande percentagem dos Sinti e dos Roma assassinados eram crianças.
- Os alunos devem também ser capazes de reconhecer que as vítimas não eram objetos passivos, mas indivíduos que tinham poder de decisão e resistiram à perseguição de muitas formas.



Vozes Roma

“A primeira vez que tomei conhecimento do genocídio dos Roma foi em 2013, quando participei no evento *Dikh He Na Bister* (Olha e Não Te Esqueças) organizado pelo *ternYpe*. Eu tinha vinte e quatro anos e nunca tinha ouvido falar do genocídio. A informação foi tão chocante que marcou um ponto de viragem na minha vida. Imediatamente após o evento, decidi dedicar a este tema o meu trabalho de voluntariado.”

Klaudia Veizaj, Albânia

“A falta de sensibilização para o genocídio dos Roma pode contribuir para um desrespeito mais generalizado dos direitos humanos e dos princípios de justiça social. Quando o sofrimento de um grupo é ignorado ou minimizado, pode enfraquecer o empenhamento geral na defesa dos direitos e da dignidade de todos os indivíduos, conduzindo a uma sociedade mais dividida e injusta.”

Mia Taikon, Suécia

“O trauma nas famílias transmite-se de geração em geração. Havia muito medo e desconfiança em relação à sociedade em geral. Para mim, isso incitou-me a empenhar-me na luta contra o racismo e a discriminação, nomeadamente nos domínios da história e da política.”

Mirjam Karoly, Áustria



Relevância para as questões atuais

- Os alunos devem ter a oportunidade de discutir a relevância da experiência histórica da perseguição e do genocídio dos Roma, no contexto atual, a três níveis: em relação (a) à situação das comunidades Roma, (b) ao antigitismo nas sociedades atuais e (c) a uma compreensão geral dos processos genocidas.
- Os efeitos da perseguição foram graves para os sobreviventes e para os seus descendentes e têm um impacto duradouro, atualmente, na situação social, económica e política de muitas comunidades ciganas.
- A situação dos Roma em toda a Europa, e não só, é marcada pelo antigitismo como uma forma específica de discriminação, que se pode manifestar através de atitudes negativas, ações institucionalizadas e motivadas por razões raciais e por violência.
- O estudo da perseguição das vítimas das ideologias Nazi, Fascista e raciais pode contribuir para a compreensão do impacto das violações dos direitos humanos nas sociedades atuais. Ao mesmo tempo, é realçada a grande importância da afirmação e da defesa dos direitos humanos.
- Compreender o genocídio como um processo gradual que se desenvolve na sociedade como um todo pode ajudar os alunos a identificar sinais de alerta e possibilidades de prevenção e intervenção.
- A aquisição de conhecimentos factuais ajuda os alunos a reconhecer referências historicamente incorretas e tentativas de relativizar, negar ou distorcer a perseguição e o genocídio dos Roma. O estudo desta história promove uma compreensão de como as imagens negativas contemporâneas e os preconceitos relacionados continuam a ser moldados por narrativas racistas apoiadas pelo regime Nazi.



Vozes Roma

“As recomendações da IHRA podem ajudar, ao estabelecerem diretrizes para uma educação inclusiva e ao promoverem narrativas históricas rigorosas. Podem apoiar os esforços para integrar a história dos Roma nos programas escolares e incentivar a cooperação internacional para combater a discriminação. A IHRA e as suas delegações nacionais podem promover normas internacionais para o ensino sobre o genocídio dos Roma, facilitar a investigação e a partilha de recursos e apoiar iniciativas que promovam a memória e a educação sobre as experiências dos Roma durante a era Nazi.”

Adonis Borneo Salihi, Croácia

“Continuam a existir na sociedade preconceitos e estereótipos profundamente enraizados contra os Roma, o que dificulta os esforços para promover a empatia e a compreensão em relação a esta comunidade marginalizada. As perceções negativas e os preconceitos podem impedir as pessoas de procurar informação e de se envolverem na história da perseguição dos Roma de uma forma significativa.”

Mia Taikon, Suécia

“Acredito que se soubermos e reconhecermos como os nossos antepassados sofreram, e mesmo assim sobreviveram e criaram novas gerações bem-sucedidas, fortes e capazes, podemos tirar forças para a nossa própria luta pela justiça.”

Anna Daróczi, Hungria



Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?



Vozes Roma

“Não se tem discutido o papel dos Estados e dos indivíduos na humilhação, exclusão e assassinio de famílias e comunidades inteiras. Se as pessoas compreenderem melhor a história dos Roma durante a Segunda Guerra Mundial e a perseguição em curso, poderão compreender as suas responsabilidades no sentido de efetuar uma mudança hoje.”

Anna Daróczy, Hungria

“Fatores políticos, incluindo a discriminação institucionalizada e a falta de reconhecimento governamental, podem constituir desafios à sensibilização para a perseguição dos Roma. O apoio governamental inadequado a iniciativas centradas na história, educação e memória dos Roma pode impedir os esforços para melhorar a compreensão do público. Para ultrapassar estes obstáculos, são necessários esforços concertados para promover uma educação inclusiva, desafiar os estereótipos, abordar as desigualdades sistêmicas, amplificar as vozes dos Roma e defender um maior reconhecimento do genocídio dos Roma.”

Mia Taikon, Suécia



Como ensinar sobre a perseguição e o genocídio dos Roma?

As decisões críticas dos políticos sobre a natureza das políticas educativas variam consoante os contextos nacionais e regionais, e cada país terá os seus próprios sistemas e capacidades a considerar.

Segue-se uma série de recomendações para apoiar os decisores políticos na introdução e desenvolvimento do ensino e da aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma em vários programas de aprendizagem em contextos educativos. Estas recomendações apontam para princípios e abordagens que conduzem a interações de aprendizagem poderosas e eficazes.

Para além disso, também serão úteis para os educadores, fornecendo orientações sobre boas práticas pedagógicas. Estas recomendações refletem muitas das que se encontram nas *Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto*.

Uma compreensão mais profunda sobre o genocídio dos Roma é de enorme importância e relevância, não só para os alunos que vivem em áreas afetadas por esta história, mas para todos. Trata-se de uma parte essencial da história da Europa - uma catástrofe que devastou um grupo de indivíduos com uma longa história e tradição e que é, atualmente, a maior minoria da Europa.

É essencial ensinar sobre os crimes infligidos aos Roma durante a era Nazi, as suas reações, a luta pelo reconhecimento deste genocídio nos anos que se seguiram e as suas ligações com o anticiganismo contemporâneo. Quando bem-ensinado, os alunos podem envolver-se em conceitos e questões-chave, levando a uma compreensão mais abrangente do significado desta história no contexto atual e assegurando que não seja esquecida.

Desafios e oportunidades

Desafios

Ensinar sobre atrocidades em massa está longe de ser simples e pode constituir um desafio mesmo para os profissionais mais experientes. No que diz respeito à educação sobre o genocídio dos Roma, os decisores políticos terão de estar preparados para enfrentar e resolver uma série de questões:

Lacunas no conhecimento

Devido à falta generalizada de atenção pública ao genocídio dos Roma e à escassez de investigação, bolsas de estudo, literatura e formação sobre o assunto, é compreensível que o conhecimento dos educadores seja limitado. Isto, por sua vez, pode afetar a confiança dos educadores e aumentar a ansiedade quanto à sua capacidade de fazer justiça a esta importante história. O desenvolvimento da capacidade e da confiança dos educadores para proporcionar experiências de aprendizagem sólidas e de qualidade sobre esta história é uma consideração fundamental.

Tempo, manuais escolares e terminologia

O ensino de histórias desafiantes e complexas, como o genocídio dos Roma, não pode ser feito à pressa. No entanto, os currículos e os programas de aprendizagem são espaços muito preenchidos e pode ser necessário um certo grau de pensamento paralelo para ultrapassar este problema. Sem tempo, as ricas oportunidades educativas que esta história apresenta podem perder-se e resultar em entendimentos demasiado simplistas e distorcidos.

Os manuais escolares sobre este período raramente cobrem suficientemente o genocídio dos Roma. É frequente dar-se ênfase ao que foi feito aos Roma, em vez de se incluírem histórias pessoais que reflitam as perspetivas, a influência e a ação dos Roma. As fotografias históricas dos Roma que aparecem em muitos manuais escolares são frequentemente tiradas por perpetradores com a intenção de dar uma certa imagem dos Roma como parte da política de propaganda, mas esta informação vital está frequentemente ausente das legendas das fotografias. Isto pode deixar o leitor do manual escolar com uma falsa impressão que deturpa e reforça os estereótipos negativos.

Outro desafio é o facto de não existir uma terminologia universalmente aceite para descrever o genocídio dos Roma, o que pode gerar confusão.

Atitudes negativas e concepções errôneas

Como as escolas refletem as sociedades em que se inserem, e uma vez que as ideias erradas sobre o genocídio e a estigmatização dos Roma são generalizadas e contínuas, é possível que essas atitudes negativas também estejam presentes nos espaços das salas de aula. Os decisores políticos terão de refletir sobre a forma de ajudar os profissionais a antecipar, reconhecer e resolver tais incidentes. Devem também refletir sobre a forma como podem encorajar a auto-consciência dos profissionais relativamente a preconceitos inconscientes e preconceitos tácitos ou explícitos sobre os Roma. Os decisores políticos podem também encontrar resistência a nível político e terão de demonstrar uma orientação corajosa e bem informada.

Prestar o apoio adequado aos educadores e aos alunos Roma

É importante estar atento às necessidades e emoções dos alunos - os seus pontos de vista, opiniões e sentimentos são importantes. A ponderação e o respeito são de importância primordial, especialmente quando se lida com acontecimentos traumáticos na companhia daqueles que estão ligados a eles. Os decisores políticos terão de considerar a forma de assegurar que os educadores e os alunos Roma, alguns dos quais podem ter ligações familiares diretas ao genocídio, são apoiados, especialmente quando esta história está a ser abordada. Os educadores e os alunos Roma podem estar dispostos a partilhar as suas perspetivas e histórias familiares, o que pode contribuir para uma aprendizagem positiva, inclusiva e empática para todos os presentes. Os profissionais precisam de criar uma cultura de respeito, cuidado e compaixão para que isto seja conseguido.



Vozes Roma

“Os educadores devem ter curiosidade, entusiasmo e vontade de aprender sobre esta história. Nas escolas, ao ensinarem esta história, os educadores devem estar conscientes da presença de alunos Roma na sala de aula e garantir que as políticas de proteção são devidamente aplicadas se os alunos Roma forem vítimas de *bullying*.”

Tania Gessi, Reino Unido

“Enquanto recurso internacional oficial, as Recomendações da IHRA devem ser integradas nas políticas educativas, a fim de proporcionar um bom enquadramento aos educadores que pretendam ensinar sobre o genocídio dos Roma. Isto é crucial para compreender e travar as formas contemporâneas de anticiganismo.”

Anna Daróczi, Hungria



Oportunidades

Estes desafios não são insuperáveis. Nos últimos anos, tem-se assistido a um considerável impulso e apoio ao reconhecimento da importância de incluir a história deste genocídio (e a história mais alargada dos Roma) nos currículos nacionais e nos programas de aprendizagem. Com isso, surgiram novos recursos para os *stakeholders* do setor da educação. Estes recursos orientam, apoiam e ajudam a enfrentar muitos dos desafios.

Conferências, exposições, palestras públicas e dias de memória estão a ter lugar com mais frequência. Estas iniciativas têm sido lideradas por ativistas Roma e não-Roma, organizações da sociedade civil, universidades, museus, galerias, administradores escolares, professores, ministérios, departamentos governamentais, organismos internacionais e organizações relacionadas com o Holocausto, entre outros.

As oportunidades de realizar investigação empírica permitirão aprofundar o que já sabemos e compreendemos sobre o ensino e a aprendizagem do genocídio dos Roma. A investigação poderia medir de forma útil:

- a eficácia de várias abordagens pedagógicas.
- o impacto a curto e a longo prazo do ensino e da aprendizagem sobre o genocídio dos Roma.
- os fatores que inibem a aprendizagem e os fatores que a reforçam.
- as concepções erradas que os alunos geralmente têm e a forma de as contrariar.
- necessidades específicas de formação de professores e educadores.
- conhecimentos de conteúdo adequados às diferentes fases etárias.
- formas como os alunos com necessidades diversas podem aceder com êxito a esta história.
- o impacto das novas tecnologias na aprendizagem.

Embora o tema possa parecer inicialmente assustador, é possível ensinar sobre o genocídio dos Roma de forma eficaz e de uma forma que resulte em oportunidades educativas poderosas e em resultados de aprendizagem significativos.

Os decisores políticos estão bem posicionados para desenvolver as capacidades dos professores para embarcarem neste processo atraente, importante e gratificante, desde que haja vontade e vontade de ensinar, e gratificante, desde que exista a vontade e o empenhamento em disponibilizar recursos para apoiar este trabalho.

Princípios gerais

Tal como acontece com o ensino sobre o Holocausto, há vários pontos de entrada, focos curriculares, metodologias pedagógicas, fontes e questões de investigação que podem ajudar a determinar a forma como o ensino e a aprendizagem sobre o genocídio dos Roma podem ser abordados. Quer se trate de ensinar numa perspectiva de direitos humanos, de um paradigma histórico ou de um quadro interdisciplinar, há princípios abrangentes para o ensino do genocídio dos Roma que devem permanecer constantes.

Incluir as perspetivas e as vozes dos Roma

O testemunho dos sobreviventes Roma e dos seus descendentes deve constituir um pilar central da história que é apresentada aos alunos. Só depois de se familiarizarem com os testemunhos pessoais é que as pessoas podem começar a compreender de forma significativa o alcance do crime de genocídio perpetrado contra os Roma. Muitos documentos e fotografias relacionados com os Roma, como já foi referido, foram produzidos por perpetradores ou indivíduos com visões preconceituosas, estereotipadas e racistas. Se forem utilizados, devem ser desconstruídos, em conjunto com os alunos, para que o seu conteúdo racista e anti-Roma e a sua origem sejam explicados em pormenor. Os testemunhos obtidos a partir de fontes fiáveis devem complementar o registo histórico e as provas documentais, refletindo a vida antes e depois da guerra. Os testemunhos podem ainda ser utilizados para ajudar os alunos a compreender os Roma como uma minoria diversificada e transnacional com vidas, esperanças e ambições que foram destruídas. Ao refletirem sobre os Roma na atualidade, os alunos podem adquirir uma compreensão mais profunda do trauma intergeracional e do impacto duradouro do genocídio.

As comparações são importantes para a compreensão - mas não se compara o sofrimento

A comparação das ideologias, motivos, ações e processos dos perpetradores - bem como das respostas da sociedade aos crimes contra diferentes grupos - ajuda a compreender as semelhanças, diferenças e características dos diferentes crimes e experiências das vítimas. Quando se esforçam por esclarecer aspetos das atrocidades em massa que se cruzam ou são paralelos entre si, os educadores devem comunicar de forma respeitosa e clara, evitando cuidadosamente comentários ofensivos ou distorcidos.

Comparar o sofrimento das vítimas não é ético e não oferece qualquer valor educativo. Qualquer hierarquia de sofrimento entre as vítimas reflete apenas os pontos de vista e valores racistas enviesados dos perpetradores e não o valor das vidas humanas.

Mais informações sobre abordagens comparativas e linguagem estão disponíveis nas [Reflexões da IHRA sobre a Terminologia para a Comparação do Holocausto](#).

Ligar o passado ao presente

Os alunos devem estar conscientes de que o genocídio é um processo que não começa com assassinios e não termina com a libertação. Ao explicar a perseguição dos Roma durante a era nazi, é essencial apresentar a vida das comunidades Roma antes deste período. Isto inclui as atrocidades e a violência do passado, bem como a sua vida quotidiana e o seu contributo para a cultura e a identidade europeias. A continuidade da discriminação contra os Roma está relacionada com a falta de reconhecimento e de admissão dos crimes da era Nazi. Estabelecer esta ligação é crucial para compreender e combater o anticiganismo contemporâneo - um dos aspetos mais salientes do ensino e da aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma. Exemplos atuais de incidentes racistas ou discriminatórios, políticas, e outras expressões de exclusão das comunidades Roma, bem como a nossa responsabilidade coletiva e individual para os prevenir e combater, devem ser parte integrante do programa de ensino-aprendizagem.

Abordagens ao ensino e à aprendizagem

Ao ensinar esta história, é importante seguir certos princípios para garantir uma experiência de aprendizagem respeitosa e significativa para todos os presentes. As seguintes abordagens podem ajudar a orientar seu ensino de maneira eficaz.

Certifique-se de que aborda o estudo com cuidado

Tal como acontece com o ensino de qualquer história traumática, os professores devem priorizar e respeitar: 1) a evidência histórica, 2) a memória das vítimas e 3) o pensamento independente e o bem-estar emocional dos alunos. Certifique-se de que apresenta aos alunos informações precisas, desvende quaisquer ideias erradas e facilite o pensamento crítico. É importante lidar com informações perturbadoras com sensibilidade e alertar os alunos para qualquer informação difícil que possa ser explorada. Considere as experiências de vida dos alunos e quaisquer questões relacionadas ao determinar como abordar a história deste genocídio com o devido cuidado.

Introduzir o genocídio no contexto da aprendizagem sobre a vida

Ensinar sobre o genocídio dos Roma não deve ser o primeiro encontro que os alunos têm com os Roma. Definir grupos pela sua vitimização diminui a sua identidade e experiência histórica e contemporânea. Em vez de começar pelo genocídio, procure apresentar aos alunos a vitalidade e a diversidade dos Roma de hoje e do passado. É também crucial apresentar o contributo significativo que deram aos seus países, culturas, tradições e comunidades em toda a Europa.

Contextualizar o genocídio no contexto da história mais alargada dos Roma

É importante incluir a longa história dos Roma para ensinar sobre a complexidade, diversidade e riqueza das suas experiências. Neste contexto, a atenção deve centrar-se nos Roma como agentes da sua própria história, de modo a não representar incorretamente os Roma como objetos passivos dos preconceitos e da perseguição de outros. Concentrar-se apenas na perseguição é adotar uma perspetiva de perpetrador que distorce a compreensão. O ensino e a aprendizagem devem ter como objetivo valorizar e compreender as experiências e perspetivas dos Roma.

Enfatizar as dimensões locais e pan-europeias do genocídio

Embora os educadores possam optar por centrar o estudo na experiência dos Roma que viveram no contexto local antes e no início do genocídio, é também importante ajudar os alunos a localizar isto dentro do contexto da história europeia como um todo. Isto incluirá os séculos de discriminação anti-Roma que ocorreram antes do período Nazi. Garantir que isto é apresentado juntamente com uma visão abrangente da era Nazi ajudará a garantir que os alunos compreendem as circunstâncias e os fatores que tornaram possível o genocídio e quão profundamente o anticiganismo estava enraizado em toda a Europa.

Os alunos devem ser capazes de identificar que a perseguição e o genocídio dos Roma foram levados a cabo por diferentes perpetradores, de diferentes formas e em diferentes graus de país para país, e que isto se diversificou ao longo do tempo. A utilização de mapas históricos como ferramentas para localizar países, fronteiras e comunidades Roma antes e durante a perseguição é vital para compreender a história, a cronologia e o impacto deste genocídio.

Ajude os alunos a compreender que o genocídio é um ato social

Compreender o genocídio como um processo que se desenvolve na sociedade como um todo pode ajudar os alunos a identificar sinais de alerta e possibilidades de prevenção e intervenção. Incentivando-os a considerar questões como “Que tipo de intervenção, por quem e em que ponto poderia ter mudado o curso da história e evitado o genocídio?” ajuda os alunos a reconhecer os sinais de alerta, as condições e os indicadores de uma ameaça genocida.

Realçar as características distintivas das experiências Roma

Em vez de analisar as experiências dos Roma exclusivamente através da lente de atrocidades paralelas, concentre-se nas suas principais características.

Considere as perspectivas de género

O ensino e a aprendizagem sensíveis ao género melhorarão a compreensão não só das vítimas – a sua desenvoltura, coragem e sofrimento – mas também a complexa matriz dos papéis dos perpetradores. É essencial analisar como as perspectivas de género moldaram as políticas e as ações dos agressores em relação aos homens e às mulheres e, conseqüentemente, as experiências das vítimas, como a violência sexual e a esterilização forçada. Quando enfrentaram a perseguição, mulheres e homens foram dotados de competências, conhecimentos e experiências de vida muito diferentes.

Características-chave da perseguição e genocídio dos Roma para explorar com os alunos

- 1 Séculos de anticiganismo, discriminação, perseguição e violência contra os Roma lançaram as bases para este genocídio.
- 2 A ideologia racista Nazi contra os Roma alimentou este genocídio.
- 3 Fascistas e Nazis locais, nacionalistas radicais e outros colaboradores participaram neste genocídio juntamente com a Alemanha Nazi. As ações e políticas contra os Roma variaram em diferentes regiões e localidades.
- 4 As consequências de décadas de não reconhecimento deste genocídio resultou, de forma continuada, em discriminação e em marginalização.

É importante refletir sobre as experiências, muitas vezes não contadas, das mulheres ao ensinar esta história, para fornecer uma visão essencial para a compreensão de toda a natureza do genocídio. Ao ensinar e aprender sobre a perseguição aos Roma, é crucial evitar a reafirmação de estereótipos de género ao apresentar os papéis tradicionais de género do passado. Uma forma de o fazer é enfatizar a ação e a força das mulheres Roma durante a era Nazi, por exemplo, as que estiveram na resistência ou as que ajudaram e salvaram outros. As mulheres também desempenharam um papel preponderante na emancipação dos Roma nas décadas após a guerra e continuam a ser uma voz poderosa no movimento, apesar das desvantagens extremas que enfrentam em muitas sociedades europeias.

Um dos exemplos mais fortes das consequências devastadoras da falta de reconhecimento deste genocídio é a continuação da esterilização forçada de mulheres e homens Roma em algumas partes da Europa, como a Checoslováquia, a Roménia, a Suécia e a Suíça, durante várias décadas após a queda do Nazismo.

Incentive os alunos a explorarem várias perspetivas de diversidade para compreenderem como a perseguição afetou diferentes pessoas na comunidade Roma, incluindo homens, mulheres e pessoas não binárias. Para além do género, podem incluir-se perspetivas de pessoas de diferentes idades, religiões, nacionalidades, estatuto socioeconómico, orientação sexual e outros (ver exemplos históricos números 15 e 16).

Proporcionar oportunidades para os alunos não só aprenderem sobre, mas também com este genocídio

Aumentar o conhecimento dos alunos sobre o genocídio é apenas parte do objetivo educacional. A aprendizagem concretiza-se com a compreensão dos conceitos e a assimilação do conhecimento. A utilização de uma abordagem de ensino que permite o pensamento independente, o debate e as conversas estruturadas baseadas em evidências sólidas e fontes fiáveis, possibilita aos alunos procurar as suas próprias ligações com a história e como esta se relaciona com o mundo em que vivem e com a sua compreensão da condição humana.

Exemplos históricos

15

Milica Katić, Romni,² nasceu por volta de 1905 na aldeia de Dren, perto de Obrenovac (Jugoslávia/Sérvia). Pouco depois do início da Segunda Guerra Mundial, ela juntou-se a movimentos de resistência partizan com os seus filhos, espiando as posições inimigas e guiando unidades de partisans até eles. No entanto, em fevereiro de 1942, ela foi descoberta e presa pelas forças Chetnik, que a torturaram e depois a entregaram aos alemães, tendo estes a enviado para o campo de concentração de Smederevska Palanka. A 18 de junho de 1942, ela foi transferida para o campo de concentração de Banjica, em Belgrado, onde foi executada a 25 de maio de 1943.

16

Ceija (Čeja) Stojka (1933–2013) foi uma austríaca Romni de uma família Lovara, que se tornou uma ativista proeminente, autora, música, artista e professora. Sobreviveu ao internamento em Auschwitz-Birkenau, Ravensbrück e Bergen-Belsen, onde foi libertada em 1945. Ela escreveu sobre sua experiência nos campos. Ceija Stojka é, principalmente, conhecida pelas suas pinturas que retratam os campos de extermínio e a vida antes da guerra.

² Romni: palavra para uma mulher Roma. Rom: palavra para um homem Roma.

Garantir que os alunos estejam cientes das diferenças e das sensibilidades da terminologia quando se referem aos Roma e ao genocídio dos Roma

Esforçar-se por usar termos com precisão e responsabilidade para evitar a deturpação, confusão e a propagação inadvertida de conotações negativas. Os alunos precisam ser capazes de entender a palavra genocídio e suas origens. É importante utilizar a terminologia correta ao descrever o genocídio dos Roma, pois está relacionado com seu reconhecimento. A melhor forma de avançar é consultar as comunidades locais, regionais ou nacionais sobre a terminologia preferida.

Proporcionar aos alunos a oportunidade de discutir criticamente a terminologia

Educadores e alunos devem evitar a linguagem usada pelos perpetradores na discussão geral sobre o genocídio. Muitos termos são palavras codificadas ou eufemismos (por exemplo, liquidação, evacuação, reassentamento) e foram tentativas deliberadas de criminosos para esconder suas intenções ou enganar e iludir suas vítimas. Desmontar esses termos com os alunos irá ajudá-los a entender como o engano desempenhou um papel na facilitação de assassinato em massa e por que, portanto, eles precisam ser referidos adequadamente.

Enfatizar histórias humanas

Integrar relatos pessoais na narrativa histórica e seguir os tópicos encadeadores irá envolver os alunos a um nível afetivo, bem como a um nível cognitivo, e pode resultar em níveis mais profundos de compreensão daqueles que seriam alcançados de outra forma. Potenciar a empatia dos alunos é fundamental para compreender o impacto que o sofrimento teve sobre as pessoas reais, as diversas maneiras em que os indivíduos responderam às ações infligidas a eles, os dilemas que enfrentaram, a dor que suportaram e o impacto a longo prazo do genocídio sobre os sobreviventes. Os educadores devem ajudar a facilitar a literacia emocional dos alunos, proporcionando espaços seguros para expressar sentimentos profundos e também meios alternativos de expressão, como através das artes.

Desafiar o equívoco comum de que os perpetradores e colaboradores agiram sozinhos e foram, de alguma forma, "não como nós"

Pessoas comuns, de uniforme ou não, cometeram crimes contra os Roma durante a era Nazi. Os alunos devem confrontar a colaboração voluntária de muitos na perseguição e nos assassinatos. Indivíduos traíram seus vizinhos Roma, procuraram beneficiar do seu sofrimento ou fecharam os olhos. A ideologia, os velhos preconceitos, a guerra brutal, o isolamento extremo do "outro", a ganância, a indiferença e o assassinato sancionado pelo governo, combinaram-se para permitir que pessoas comuns se tornassem perpetradores. Sem enfrentar esses fatos difíceis, as lições importantes sobre as propensões e as motivações humana, bem como sobre a natureza do genocídio e da cumplicidade em todas as suas formas, serão perdidas. Forneça exemplos e estudos de caso, sempre que possível, para demonstrar a natureza variada da colaboração.

Reconhecer que o genocídio dos Roma não era inevitável

É importante que educadores e os alunos compreendam que o genocídio dos Roma não foi um acidente da história ou que, de alguma forma, era inevitável. Séculos de discriminação anti-Roma em toda a Europa proporcionaram um terreno fértil para uma escalada da violência e o eventual genocídio foi possível devido às decisões, escolhas e ações de indivíduos, nações e grupos, bem como à não ação da maioria. O assassinato de homens, mulheres e crianças poderia ter sido evitado. Perceber essa verdade e suas implicações é um objetivo educacional fundamental.

Não se esqueça de mencionar a ação Roma

Os alunos devem compreender que as vítimas não foram atores passivos durante o desenrolar do genocídio, mas sim indivíduos com capacidade de ação que, em vários casos, resistiram à perseguição mesmo quando as probabilidades de sucesso eram escassas. Os Roma enfrentaram dilemas inimagináveis e escolhas que punham em risco a sua vida. Agiram e lutaram para viver e se proteger, apesar da desesperança das condições. Resistiram e lutaram como partisanos ou soldados nas forças aliadas. Fizeram tentativas de fuga e tentaram salvar outros nos seus esforços para sobreviver. Apresentar relatos em primeira mão das reações dos Roma (incluindo salvamento, resiliência e resistência) de fontes fidedignas, reequilibra uma narrativa unidimensional e orientada para o perpetrador. Pode ajudar a restaurar a capacidade de ação dos Roma e a aumentar a compreensão da resiliência e da capacidade de sobrevivência. Quando os alunos compreendem as condições em que os Roma foram colocados e os castigos com que foram ameaçados, podem compreender melhor os riscos envolvidos na resistência (ver exemplos históricos números 17 e 18).

Selecionar e interpretar cuidadosamente quando se utilizam imagens de Roma

É importante estar atento quando se utilizam representações visuais dos Roma. Não se esqueça de procurar e partilhar com os alunos a proveniência das fotografias sempre que possível, para que possam compreender o contexto. A maior parte das fotografias disponíveis da era Nazi foram tiradas pelos perpetradores para fins de propaganda, ou como “lembranças” do tempo de guerra para enviar para casa. Os Roma eram obrigados a sorrir para a câmara ou eram enquadrados de forma a serem retratados de forma negativa. Como tal, estas imagens são prova do crime cometido pelos seus autores e não são representações autênticas dos Roma da época. As realidades eram frequentemente muito diferentes das representações que sobreviveram nos arquivos. As conversas com os alunos sobre a forma como essas imagens devem ser classificadas - “prova visual” ou “arma visual” - podem estimular o pensamento crítico e o debate. Para uma sugestão de como os educadores podem explorar uma história poderosa com os alunos através de uma imagem de propaganda, ver o exemplo baseado na imagem de Theresia Winterstein e Gabriel Reinhardt.

Exemplos históricos**17**

Alfreda Markowska (1926–2021) foi uma Romni polaca que salvou cerca de cinquenta crianças Judias e Roma. Aos dezasseis anos, viajou para locais onde tinham ocorrido massacres para procurar sobreviventes e ajudá-los. Foi condecorada, em 2006, com a Cruz de Comendador com Estrela da Ordem da Polónia Restituta pelos seus atos humanitários heróicos.

18

Hajrija Imeri Mihaljić era uma Romni da aldeia de Ade, perto de Obilić que nessa época pertencia à Jugoslávia. Infelizmente, as datas do seu nascimento e da sua morte são desconhecidas. Ela trabalhava como governanta para a família Judaica Acević em Kosovska Mitrovica. Durante a ocupação Nazi, salvou a sua filha, Ester-Stela Acević, da perseguição. Por iniciativa de Ester-Stela Acević, o Yad Vashem distinguiu Hajrija Mihaljić como Justa entre as Nações em 1991. É a única Romni a receber este reconhecimento. Em 2023, foi erigida uma escultura em memória de Hajrija Imeri Mihaljić no parque do Centro Memorial dos Roma em Uštica, na Croácia.

Algumas fotografias, como as das coleções privadas das famílias Roma, são úteis para contrastar e refutar a narrativa dos perpetradores. As fotografias privadas mostram frequentemente as pessoas no seu ambiente doméstico, com a família, amigos e vizinhos, na vida quotidiana e no trabalho. Mostram que os Roma sempre fizeram parte integrante da sociedade e estiveram firmemente ancorados nas suas cidades de origem. Se não estiverem disponíveis imagens históricas, as fotografias contemporâneas dos Roma são úteis para contrastar as perspetivas estereotipadas e demonizadoras projetadas nas fotografias dos perpetradores.



Os alunos precisam de ser informados sobre a proveniência de qualquer fotografia, bem como sobre o contexto histórico, para compreenderem e interpretar o que realmente se está a passar. Os educadores devem dar tempo suficiente para que os alunos possam analisar cuidadosamente uma imagem.

(Cortesia do United States Holocaust Memorial Museum USHMM e cortesia de Rita Prigmore. A imagem faz parte de uma série de lições sobre o genocídio dos Roma criadas por B Warnock da Wiener Library de Londres e por A. Chapman da IOE University College de Londres).

Exemplo pedagógico

A fotografia mostra Theresia Winterstein e Gabriel Reinhardt a levarem as suas filhas gémeas, Rita e Rolanda, a passear em Würzburg, na Alemanha, em abril de 1943. À primeira vista, a fotografia apresenta um casal perfeito, com um ar feliz e a passar um dia agradável. A realidade, no entanto, não podia ser mais diferente. As gémeas tinham sido retiradas aos pais à nascença pelas autoridades alemãs para experiências e uma delas morreu poucos dias depois de esta fotografia ter sido tirada. Aqui, como parte de uma campanha de propaganda, o casal foi autorizado a levar os seus bebés a passear numa rua de Würzburg, forçado a parecer feliz e bem. Se virmos bem, podemos ver um soldado alemão a supervisionar a farsa para se certificar de que a família Reinhardt obedece à ordem para sorrir para a câmara. Nesta fotografia, o casal ainda não está casado. Só foram autorizados a fazê-lo em 1944, um ano depois de esta fotografia ter sido tirada, e depois de terem sido obrigados a submeter-se a procedimentos de esterilização.

Uma fotografia como esta pode ser examinada inicialmente sem o contexto fornecido. Os alunos podem ser convidados a partilhar simplesmente o que veem na fotografia, seguido de perguntas. As perguntas podem girar em torno da data em que a fotografia foi tirada, onde, porquê, quem são os sujeitos da fotografia, a razão pela qual o casal que caminha pela rua parece tão feliz e, significativamente, quem poderá estar a tirar a fotografia e com que objetivo. Pode pedir-se aos alunos que observem a fotografia mais de perto para tentar encontrar pistas para responder a estas perguntas - identificando o homem de uniforme com a braçadeira com a insígnia Nazi. Esta dedução ajudará os alunos a orientar a fotografia no seu contexto, permitindo-lhes repensar as circunstâncias em que o casal se encontra. A combinação do exame com outros conhecimentos contextuais pode revelar a realidade por detrás da propaganda.

Não espere respostas perspicazes apenas com um olhar superficial, especialmente se uma imagem representar sofrimento. É importante que os alunos façam inferências e discutam as suas reações ao verem essas imagens. Tente ajudar os alunos a compreender que por detrás de uma imagem de uma morte está uma vida perdida e dê-lhes as ferramentas para verem uma imagem para além do seu valor facial. Isto ajudá-los-á a compreender melhor as fotografias do genocídio que podem encontrar fora da sala de aula, incluindo na Internet.

Utilização cuidadosa de imagens perturbadoras na área da educação

Os educadores devem ser muito cuidadosos quando optam por utilizar imagens gráficas e suscetíveis de perturbar o aluno. Uma forte fundamentação pedagógica e o respeito pela memória das vítimas são fatores de importância crucial a considerar. As imagens devem ser tratadas com grande sensibilidade e cuidadosamente selecionadas. Existe o perigo de entorpecer os alunos relativamente à humanidade das pessoas captadas nas fotografias se os educadores não as contextualizarem adequadamente.

A prioridade educativa é proteger os alunos contra danos emocionais e ajudá-los a compreender e a refletir criticamente com empatia e conhecimentos precisos. Existe sempre o risco de as descrições gráficas, as fotografias e as imagens em movimento poderem desencadear reações traumáticas. Assim, deve ter-se muito cuidado ao escolher utilizar estes materiais na aula. O educador deve considerar o bem-estar psicológico de cada aluno antes de decidir se é sensato utilizar essas imagens na sala de aula e, em caso afirmativo, quais as imagens adequadas.

Envolver os alunos através da aprendizagem num local

As visitas aos locais oferecem oportunidades educativas imersivas para aprender sobre o genocídio. A aprendizagem baseada no local não pode ser conseguida dentro dos limites de uma sala de aula normal nem a partir de um livro de texto, por muito bom que seja o currículo. As novas tecnologias e as ferramentas multimédia têm o seu lugar na aprendizagem baseada no local, quando utilizadas de forma responsável.

Exemplo pedagógico

Mostrar uma imagem contemporânea de um terreno abandonado, de um campo, de um bosque ou de uma praça da cidade, com uma explicação contextual que revele onde os Roma viveram em tempos ou onde ocorreram assassinatos de Roma, pode ser poderoso sem expor os jovens a conteúdos gráficos traumatizantes. As obras de arte e cultura de artistas Roma podem ser utilizadas em vez de fotografias, oferecendo distanciamento e, ao mesmo tempo, sendo estimulantes.

Os locais, não são apenas aqueles onde ocorreram os assassinatos, mas são também os locais da vida quotidiana antes do início da perseguição e do genocídio, sendo pontos focais adequados para a aprendizagem baseada na localização. Utilizando mapas contemporâneos e históricos, juntamente com outros recursos, incluindo testemunhos em vídeo de relatos pessoais, os educadores e os alunos podem descobrir vestígios deste passado na sua vizinhança. As visitas aos sítios ajudam os alunos a compreender melhor as ligações históricas locais a esta história e a forma como as comunidades locais recordam o passado.

Ser sensível aos alunos e educadores de etnia Roma

Há que ter cuidado e ponderação quando se ensina este tema, especialmente quando se trabalha com educadores e alunos de etnia Roma. Não se deve esperar que os educadores e alunos Roma saibam mais sobre a história dos Roma do que os outros alunos e podem não querer necessariamente revelar quaisquer ligações familiares a este genocídio. Ninguém deve ser pressionado a dar o seu contributo. No entanto, outros podem estar interessados em participar de forma proeminente no processo de aprendizagem. Consulte os pais, os encarregados de educação e os grupos locais de apoio aos Roma para obter aconselhamento e orientação. As histórias pessoais devem ser partilhadas em espaços seguros e os oradores devem receber respeito e apoio, bem como reconhecimento pela sua vontade de aceder ou reviver passados individuais e familiares dolorosos. É importante que os educadores reconheçam que a partilha de histórias dolorosas e íntimas pode ser um processo emocionalmente exigente e corajoso. Esta abordagem pode contribuir para um sentimento de apropriação da narrativa e para a inclusão de vozes e perspetivas ciganas em contextos educativos.

Pedagogical example

Um *Stolperstein*, traduzido como “pedra de tropeço”, é uma forma de memorial que as pessoas podem aprender, pesquisar e seguir. Stolpersteine é um projeto europeu do artista alemão Gunter Demnig, que consiste em placas de latão gravadas com os nomes individuais de Judeus, Roma ou outras vítimas perseguidas, muitas vezes colocadas em frente às suas antigas casas, fornecendo informações sobre a sua perseguição. Estas placas podem ser introduzidas como uma forma de reumanizar as vítimas e de garantir que as pessoas que passam por esse local saibam e compreendam o que aconteceu no local.

Reação a conotações ou comentários negativos sobre os Roma

No caso de incidentes, que podem incluir calúnias, “piadas” ou mal-entendidos não intencionais, é importante não os ignorar e tomar medidas imediatas. Idealmente, os espaços de aprendizagem, como as escolas, terão uma política de trabalho sobre prevenção, monitorização e resposta em tais circunstâncias, aprovada pelos responsáveis políticos. Estes incidentes devem ser confrontados e tratados de forma inequívoca. Se forem dirigidos a um indivíduo, a prioridade deve ser garantir que ele seja protegido e ouvido antes de lidar com os responsáveis pela infração. O envolvimento direto com as comunidades Roma locais pode ajudar a lidar com o incidente e a apoiar as vítimas. A definição de trabalho de anticiganismo/anti- Roma discriminação da IHRA é uma ferramenta útil para informar a política escolar.

Criar oportunidades para examinar a natureza complexa da condição humana, considerando as escolhas e ações dos indivíduos

A exploração de estudos de caso de indivíduos reais ajudará os alunos a compreender melhor as dificuldades que os Roma enfrentaram, incluindo os dilemas de vida ou morte, as decisões e as escolhas com que se confrontaram. Esta abordagem pode aproximar os alunos da história que está a ser estudada e ajudá-los a relacionarem-se com ela a um nível pessoal. Devem ser disponibilizados recursos para ajudar os alunos a desvendar e identificar os muitos fatores complexos que estão envolvidos, incluindo as possíveis consequências de escolhas e ações críticas.

Exemplo histórico

19

Zoni Weisz (1937), Sinto dos Países Baixos, era o mais velho de quatro filhos. Em maio de 1944, a família de Zoni foi enviada pelos Nazis para o campo de trânsito de Westerbork, juntamente com outros Sinti e Roma, e deportado para Auschwitz-Birkenau, onde a sua mãe e os seus irmãos foram todos mortos. O seu pai foi morto no campo de Mittelbau-Dora. Graças à resistência holandesa, Zoni conseguiu evitar a deportação e sobreviver. Depois da guerra, partilhou frequentemente as suas experiências e desempenhou um papel crucial na procura do reconhecimento e do conhecimento das atrocidades cometidas contra as vítimas Sinti e Roma. Em 27 de janeiro de 2011, fez história ao ser o primeiro Roma ou Sinti a discursar no Bundestag alemão durante uma cerimónia oficial do Dia da Memória do Holocausto.

O uso de termos e categorias como perpetrador, colaborador, espectador, vítima e salvador são úteis para que os alunos comecem a pensar sobre os atores individuais no genocídio. No entanto, estas categorias devem ser complementadas por estudos de casos reais da época para revelar aos alunos como categorias bem definidas nem sempre permitem uma compreensão abrangente do complexo comportamento humano. Um indivíduo pode ser considerado um perpetrador num cenário e um salvador noutro - ilustrando a natureza intrincada e até contraditória do comportamento humano, particularmente em circunstâncias extremas.

O uso de habilidades de pensamento crítico pode ajudar os alunos a entender como é potencialmente perigoso julgar, rotular e estereotipar indivíduos e comunidades. Evitar reforçar formulações estereotipadas - nem todas as equipas de salvamento foram heroicas, nem todos os espectadores foram indiferentes. Combater quaisquer ideias erradas de que os Roma foram passivos na perseguição e genocídio que sofreram. É igualmente importante contestar os mitos de que existem certos traços nacionais que caracterizam as pessoas.

Atribuir tempo e espaço para os alunos refletirem

Assegurar que os alunos possam fazer perguntas e participar em debates. Muitas vezes, a aprendizagem mais impactante num ambiente educacional é impulsionada pelas perguntas que os alunos fazem e pelos conhecimentos partilhados. Dar aos alunos tempo para refletirem sobre o que aprenderam, as suas reações emocionais e como este conhecimento pode informar as suas ações na promoção da tolerância e da justiça social.

Utilização de fontes e recursos para o ensino e a aprendizagem

Objetos, fotografias e documentos são fontes dinâmicas que ligam os alunos ao passado, permitem uma compreensão mais profunda dos acontecimentos históricos e proporcionam oportunidades de pensamento crítico e de aprendizagem baseada em provas. Várias coleções de objetos pessoais, fotografias, diários e diários, pertencentes a Roma que foram assassinados ou que sobreviveram, residem agora em coleções de museus. Em muitos casos, estas coleções foram digitalizadas e podem ser acedidas em linha pelos educadores em contextos de aprendizagem. Existem também outras organizações interessadas que estão a trabalhar para disponibilizar mais facilmente aos educadores objetos pessoais, juntamente com planos de aula e informações complementares. Alguns museus e centros do Holocausto têm coleções digitais de testemunhos de sobreviventes que foram criadas a pensar nos alunos.

Em colaboração com os Roma, foram produzidos diferentes formatos de narração de histórias, tais como romances gráficos baseados em relatos da vida real de indivíduos. Estes podem ser recursos atrativos para os alunos, que podem achar a linguagem visual de uma novela gráfica particularmente acessível. As ilustrações podem fornecer pontos de entrada para conteúdos e questões complexas, ajudar a identificação com as personagens e promover a literacia.

As comunidades Roma recorreram frequentemente à poesia, à arte e à música como veículos de expressão, em resposta ao genocídio e na sua luta atual pelo reconhecimento.

Exemplo pedagógico

Um exemplo de um poema que pode ser explorado com os alunos é Auschwitz, do poeta e ativista italiano Santino Spinelli (nascido em 1964). Este poema está inscrito no Memorial aos Sinti e aos Roma da Europa assassinados pelo Nacional-Socialismo, em Berlim.

Auschwitz

*Rosto magro
olhos mortos
lábios frios
silêncio
um coração partido
sem fôlego
sem palavras
sem lágrimas*

Os educadores podem pedir aos alunos que destaquem três palavras do poema que resumam o que o autor está a lamentar aqui. Outras perguntas podem ser:

- Porque é que o poeta escreveu este poema?
- O que é que o motivou?
- Como é que compreende o poema?
- Agora que aprenderam sobre o genocídio dos Roma, que três palavras, para vocês, resumem a vossa compreensão do genocídio, do seu legado e do seu significado?

Os alunos podem ser convidados a justapor o poema com a conhecida imagem de Anna Maria “Settela” Steinbach (1934-1944), uma jovem deportada de Westerbork para Auschwitz-Birkenau em 1944, com membros da sua família. A imagem assombrosa mostra o seu rosto a espreitar através de uma abertura num vagão de transporte.

Políticas, currículo e Formação

Aspetos fundamentais para a definição de políticas

A definição de políticas educativas deve sublinhar a necessidade de ensinar sobre este genocídio. Esforçar-se por criar comités de trabalho de peritos, incluindo representantes locais dos Roma, ONG, peritos académicos e profissionais da educação, para apoiar o desenvolvimento de uma fundamentação clara para a inclusão do genocídio dos Roma nas políticas e sistemas educativos. Isto é fundamental para uma defesa e implementação eficazes. Os decisores políticos podem sublinhar que este acontecimento histórico não é apenas uma parte importante da história dos Roma, mas é também uma parte importante da história e da identidade nacional e transnacional. Os exemplos e as estratégias de outros contextos educativos como demonstrações de implementação serão úteis.

Numa perspetiva política, os principais aspetos a considerar são:

- reconhecer o genocídio dos Roma.
- refletir sobre as raízes históricas do anticiganismo e do ódio contra os Roma.
- aprender sobre as dinâmicas que levaram ao assassinio em massa.
- desafiar as imagens negativas transmitidas pelos perpetradores.
- analisar criticamente a colaboração e as responsabilidades pessoais no passado e no presente.
- aumentar a consciencialização sobre a persistência do anticiganismo e do racismo contra os Roma.

Integrar e adotar a definição de trabalho da IHRA sobre anticiganismo/anti-discriminação Roma é um passo importante. A ferramenta permite que os ministérios da educação, escolas, universidades e outros locais e espaços educativos reconheçam e combatam o preconceito e a discriminação contra os Roma. O facto de ter esta definição incorporada na política educativa, nos sistemas escolares ou nas organizações constitui uma declaração clara de intenção e compromisso para combater o preconceito.

Vozes Roma

“Os educadores devem organizar visitas de estudo a locais históricos, museus e memoriais relevantes, onde os alunos possam aprender em primeira mão sobre o genocídio dos Roma.”

Klaudia Veizaj, Albânia



Vozes Roma

“A quem é que precisamos de ensinar? Temos de ensinar às crianças ou aos diretores e professores que os Roma também são seres humanos?”

Natalia Yuzypchuk, Ucrânia



Desenvolvimento curricular

O tempo e o espaço dedicados no currículo são vitais para uma análise significativa da perseguição e do genocídio dos Roma. Embora o tema deva ser abordado num momento específico e definido, também pode e deve ser incorporado em diferentes fases da escolaridade formal. Isto é por vezes referido como um currículo em espiral - um ciclo de estudos em que os alunos abordam os mesmos temas ao longo da sua escolaridade, sendo que cada encontro aumenta a sua complexidade e reforça a aprendizagem anterior. Pode começar com perguntas adequadas à idade sobre a igualdade, os direitos, a diversidade e a cultura, aumentando gradualmente o conhecimento concetual, utilizado e reforçado pela aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma. Encontrar-se com as comunidades Roma numa idade precoce é uma via poderosa para construir pontes, amizades e promover a compreensão.

Uma abordagem interdisciplinar

Sempre que possível, os educadores de diferentes disciplinas devem colaborar em abordagens multidisciplinares e planear temas bem concebidos para integrar e complementar a aprendizagem. Isto aumentará o tempo e o espaço necessários para cobrir o genocídio dos Roma no currículo e oferecerá aos alunos uma experiência educativa completa e enriquecedora. As abordagens multidisciplinares exigem a colaboração, o diálogo e a cooperação entre educadores de diferentes áreas temáticas. Estes devem analisar cuidadosamente o contributo específico que cada disciplina pode dar ao estudo e garantir que as atividades e os resultados de aprendizagem se encaixam de forma lógica. As plataformas digitais de aprendizagem e as ferramentas de comunicação podem apoiar atividades de aprendizagem para alunos de diferentes áreas e locais.

Os espaços para explorar esta história também podem ser encontrados através de atividades extracurriculares. Estas incluem clubes pós-escolares, clubes de interesses especiais e projetos de história local. Outro espaço útil pode ser encontrado através de dias de aprendizagem específicos, que coincidem com festivais de arte e cultura cigana, exposições e vários Dias Roma, internacionais e nacionais, de celebração, recordação e comemorações, como o Dia Internacional dos Roma, o Dia da Língua Roma, etc.

É importante advertir os educadores sobre atividades que envolvam simulação ou dramatização, tais como exercícios que encorajem os alunos a imaginar que estiveram diretamente envolvidos no genocídio. Estes exercícios podem levar a falsas equivalências ou à trivialização, uma vez que os alunos tentam encontrar comparações irrealistas com as suas próprias vidas.

Definição de objetivos claros

Os decisores políticos e os educadores devem definir objetivos claros em função de vários fatores, incluindo a idade, a experiência, as necessidades educativas e os conhecimentos prévios dos alunos, bem como os contextos educativos (informal, formal, museológico ou instalações de aprendizagem alternativas).

Com estes fundamentos em mente, os resultados da aprendizagem devem aumentar a compreensão de:

- o passado e o presente dos Roma.
- que a perseguição e o genocídio cometidos contra os Roma durante a era Nazi foram um enorme crime pan-europeu.
- que os Roma foram vítimas dos Fascistas e dos Nazis locais, dos nacionalistas extremistas e de outros colaboradores que participaram no genocídio juntamente com a Alemanha Nazi.
- que os Roma participaram ativamente na resistência europeia.
- o impacto que o silêncio, a falta de reconhecimento e a falta de memória tiveram sobre os Roma.
- que a luta pelo reconhecimento dos crimes cometidos contra os Roma foi, e continua a ser, um ponto fulcral do movimento pelos direitos civis dos Roma desde o seu início.

Os alunos devem ser capazes de:

- formular a sua própria posição sobre a razão pela qual esta história é relevante atualmente.
- formular a sua própria posição sobre a responsabilidade pessoal e a responsabilização para evitar a violação dos direitos humanos e civis, o antigitanismo e o racismo anti-Roma.
- participar ativamente no desmistificar e contrariar a distorção e a negação do genocídio dos Roma.

Desenvolvimento e revisão de manuais escolares

Aconselha-se uma revisão dos recursos existentes e dos manuais escolares utilizados nas escolas. Esta lista de verificação básica pode ajudar os decisores políticos a rever os manuais escolares e os materiais suplementares e a considerar a necessidade de efetuar alterações.

Lista de verificação de manuais escolares:	Sim	Não
O manual inclui nomes, histórias, fotografias de família e testemunhos de Roma?		
O manual utiliza uma terminologia correta e acessível?		
O manual apresenta a vida dos Roma antes da guerra?		
O manual abrange as diferentes experiências dos Roma na Europa?		
O manual reflete os colaboradores Nazis e Fascistas e as pessoas comuns que participaram na perseguição aos Roma?		
Estão incluídos relatos de resiliência, salvamento e resistência dos Roma?		
Existem oportunidades para os alunos analisarem criticamente extratos de diários, documentos, relatos de testemunhas oculares ou fotografias?		
O manual tem em conta as perspetivas de género?		
Que tipo de imagens estão a ser utilizadas? São estereotipadas? O contexto é fornecido? As imagens estão a ser desconstruídas para mostrar as tentativas deliberadas de propagação de uma ideologia racista?		
O manual descreve o que constitui um genocídio?		
O manual descreve a libertação e as suas consequências imediatas?		
As características distintivas da experiência dos Roma são explicitadas, incluindo a ideologia racista dos perpetradores?		
É feita referência ao justo reconhecimento após a guerra e à sua ausência?		
O manual aborda os dias de memória e os importantes memoriais locais e internacionais?		
O manual desafia os equívocos comuns e a distorção e a negação históricas?		
O manual aborda o movimento dos direitos civis dos Roma e a sua ligação à luta pelo reconhecimento do genocídio dos Roma?		
As atividades sugeridas no manual envolvem os alunos no pensamento crítico e nas respostas pessoais?		

Esta lista de verificação pode também ser utilizada para avaliar a adequação de outros materiais sobre o genocídio dos Roma.

Integração com uma agenda de direitos humanos

A educação para os direitos humanos pode constituir um poderoso ponto de partida e um enquadramento para a análise do genocídio dos Roma. A preservação e a proteção dos direitos humanos são elementos necessários para promover a importância dos valores democráticos e da cidadania responsável.

Os Roma, a quem foram negados direitos básicos durante séculos, são atualmente uma das comunidades mais perseguidas do mundo. É importante compreender como este facto conduz à normalização da discriminação, da marginalização e da segregação na sociedade e prejudica o florescimento e as liberdades humanas.

Abordar o estudo do genocídio dos Roma através do estudo dos direitos humanos proporciona uma oportunidade de estudo interdisciplinar. Permite também uma análise das leis e tratados que foram estabelecidos após este genocídio, o que ajuda a compreender, proteger e preservar as liberdades fundamentais.

A Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Formação em Direitos Humanos de 2011 define três dimensões da educação em direitos humanos. Estas podem também estar relacionadas com o ensino e a aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma.

Exemplo Histórico

20

Rudolf Sarközi nasceu no campo de concentração de Lackenbach em 1944. Nas condições mais difíceis, a sua mãe Roma e o seu pai Sinti conseguiram garantir a sua sobrevivência. A família foi libertada no final de março de 1945. Tal como muitos jovens Roma, Rudolf Sarközi não conseguiu encontrar uma aprendizagem profissionalizante e trabalhou como operário. Em 1964, depois de se mudar para Viena, ele tornou-se politicamente activo e começou a fazer campanha pelos direitos dos Roma e Sinti na Áustria, tendo sido um dos membros fundadores da primeira associação Roma na Áustria. Pouco tempo depois, fundou também a Associação Cultural dos Roma Austríacos e manteve-se como seu presidente durante muitos anos. Em 1993, as associações conseguiram que os Roma e os Sinti Austríacos fossem reconhecidos como grupo étnico. Rudolf Sarközi morreu em 2016, com 72 anos.

Dimensões da Educação em Direitos Humanos aplicadas ao ensino e à aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma

Dimensão 1	Ensinar <i>sobre</i> direitos humanos: compreender normas e princípios dos direitos humanos.	O impacto da perseguição e do genocídio dos Roma na formulação, codificação e consolidação dos direitos humanos, especialmente na Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos Humanos e na Convenção das Nações Unidas sobre o Genocídio.
Dimensão 2	Ensinar <i>através</i> dos direitos humanos: utilizar métodos baseados em abordagens de direitos.	A utilização de métodos ativos e centrados no aluno que capacitem e potenciem a descoberta, de forma a respeitar, a defender e a reforçar os direitos dos alunos e dos educadores.
Dimensão 3	Ensinar <i>para</i> os direitos humanos: capacitar os alunos para aplicar e defender os princípios dos direitos humanos.	Ensinar e aprender sobre a perseguição e o genocídio dos Roma pode fornecer estudos de caso de mecanismos e de processos que levam a violações dos direitos humanos que podem evoluir para violência direcionada em grande escala, como o genocídio. As perspetivas de paz, prevenção do genocídio ou educação para a cidadania democrática também podem ser utilizadas para analisar os acontecimentos do genocídio.

Formação

Proporcionar oportunidades de formação para os educadores, para que estejam preparados, capacitados e aptos a ensinar sobre o genocídio dos Roma.

A formação de professores é um elemento essencial para implementar políticas impactantes e duradouras no ensino e aprendizagem sobre a perseguição e o genocídio dos Roma. A formação é mais eficaz quando é ministrada por entidades reconhecidas, com um conhecimento sólido desta história, capazes de transmitir a sua relevância.

Sempre que possível, o envolvimento direto com representantes das comunidades locais de Roma e/ou especialistas na história dos Roma enriquecerá um curso de formação de professores.

A formação para apoiar o ensino sobre o genocídio dos Roma pode ser integrada em programas existentes para professores em formação inicial e contínua, relacionados com a prevenção do racismo, cidadania, inclusão e educação para a diversidade, cidadania global, educação em direitos humanos e ensino das humanidades. No entanto, deve receber uma atenção distinta, em vez de ser tratada de forma genérica como uma forma de racismo.

Recomenda-se que uma formação eficaz incorpore três componentes essenciais: conhecimento do conteúdo, conhecimento pedagógico e conhecimento pessoal.

Para construir currículos, estratégias de ensino e planos de aula eficazes, os responsáveis pela definição de políticas educativas e os *stakeholders* podem usar o quadro seguinte para conceber componentes relevantes.

Este quadro (inspirado no modelo da UNESCO de 2015 denominado Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem) serve como exemplo e pode ser preenchido de acordo com as necessidades e o contexto do curso.

Conhecimento do conteúdo <i>O que o educador precisa de saber, o conteúdo a transmitir aos alunos</i>	Conhecimento pedagógico <i>Abordagens e metodologias pedagógicas</i>	Conhecimento pessoal <i>Consciência pessoal do conhecimento, experiências e preconceitos (como narrativas familiares herdadas e consciência social)</i>
• Estudo intenso da história e cultura dos Roma e do genocídio, particularmente no contexto local. • Aprofundar a compreensão do contexto europeu mais amplo e da história deste crime. • Desenvolver a consciência sobre organizações e especialistas que oferecem materiais educativos e recursos para educadores ensinarem sobre a história e cultura dos Roma e a perseguição durante a era Nazi.	• Que capacidades, consciência e recursos especializados necessitam os educadores para ensinar, de forma eficaz e precisa, o genocídio dos Roma? • Como várias metodologias de ensino inovadoras, juntamente com testemunhos, artes, e cultura, podem ser usadas para representar as perspectivas dos Roma e do genocídio? • Quais são os objetivos e metas para ensinar este tópico e como os educadores podem medir as realizações? Quais são os resultados esperados da aprendizagem? • Quais são as formas de identificar o preconceito e os estereótipos contra os Roma, e que estratégias podem ser empregues para os combater?	• Quão autoconsciente eu sou? Quais são os meus preconceitos e viés? Quais são as minhas responsabilidades e deveres como educador para abordar o anticiganismo, viés e preconceitos? Quais são os contextos mais amplos em que estou inserido, e como eles impactam os meus alunos? • Quais responsabilidades e obrigações pessoais e profissionais que são necessárias para apresentar o registo histórico e a memória das vítimas? • De que formas podemos garantir que os indivíduos sejam reconhecidos e respeitados como aprendentes independentes? • Quais são os desafios que enfrentarei ao ensinar esta história? • Quais são os meus objetivos pessoais ao ensinar sobre o genocídio do povo Roma?
<i>Exemplo: A vida dos Roma no período entre guerras</i>	<i>Exemplo: Incorporar vozes e perspectivas Roma</i>	<i>Exemplo: Explorar e desconstruir ideias pessoais e locais erradas</i>



Vozes Roma

“Se não houver conhecimento, não poderá haver reconhecimento, e isto é como que uma continuação silenciosa da perseguição sofrida pelos Roma”.

Ana Daróczi, Hungria



Recursos adicionais



Universidade Online Barvalipe Roma

Uma plataforma educativa online onde Roma e não Roma podem aceder a conhecimentos sobre a identidade/identidades, história/histórias e cultura/culturas Roma através de uma coleção de palestras proferidas por académicos Roma.



Programas e Ferramentas do Conselho da Europa

Um programa de capacitação destinado a integrar a história dos Roma nos currículos escolares, apresentando seis ferramentas que se concentram na história mais ampla dos Roma. Estes recursos são compatíveis com as Recomendações da IHRA — que se concentram na era Nazi e têm como alvo os formuladores de políticas e *stakeholders* do setor da educação — promovendo uma abordagem coesa.



“Dzanes ko sem? (Sabes quem eu sou?)”

O material consiste em mapas interativos georreferenciados e uma publicação destinada a escolas secundárias como um caderno suplementar sobre a história da discriminação e perseguição dos Roma. Inclui também uma introdução à cultura, arte e história geral dos Roma em Romani, Sérvio e Inglês.



Enciclopédia do Genocídio Nazi dos Sinti e Roma na Europa

Esta enciclopédia foi lançada na primavera de 2024 em Inglês e Alemão e é a primeira visão geral abrangente do conhecimento existente sobre a perseguição e assassinato dos Sinti e dos Roma na Europa. Mais de 100 autores de 25 países contribuíram para ela.



O Genocídio Esquecido. O Destino dos Sinti e Roma

Nove biografias de crianças e jovens de oito países são o foco deste site. O site, que está disponível em oito idiomas, conta as suas histórias vivamente, usando documentos, fotografias e entrevistas em vídeo.



O Genocídio Cometido contra os Roma e Sinti Europeus durante a era Nacional-Socialista

Este recurso é uma plataforma de aprendizagem, disponível em 12 idiomas, e destinada a crianças em idade escolar, professores e ao público em geral. Oferece mais de 70 folhas de trabalho, material adicional para professores e é adequado para idades de 14 anos ou mais.



O Genocídio e Perseguição de Roma e Sinti. Bibliografia e Revisão Historiográfica

Esta bibliografia anotada com mais de 1.400 referências inclui uma visão geral detalhada dos principais temas e áreas de pesquisa no campo. Pode ser consultada para obter informações sobre países individuais ou tópicos específicos.



Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre o Holocausto

Um importante recurso sobre abordagens educativas para o ensino e a aprendizagem sobre o Holocausto, que contém orientações essenciais adicionais e termos-chave, complementares às Recomendações da IHRA para o Ensino e a Aprendizagem sobre a Perseguição e o Genocídio dos Roma durante a Era Nazi.



OSCE/ODIHR

Para obter mais recursos relativos a questões e desafios gerais que os Roma e os Sinti enfrentam na Europa.



“Diagnóstico Racial: Cigano” O Genocídio Nazi dos Sinti e dos Roma e a Longa Luta pelo Reconhecimento

Esta exposição online, produzida em Inglês e Alemão, apresenta as etapas mais importantes no caminho para o genocídio numa dimensão europeia. Coloca um foco especial na autorrepresentação da história da minoria, na continuidade do antigitismo/ anti-Roma racismo após 1945, e na contribuição das comunidades para o reconhecimento do genocídio.



Tajsa – Podcasts em Vídeo e Recursos Educacionais sobre o Genocídio dos Roma

Esta coleção, disponível em Inglês e Sérvio, apresenta podcasts em vídeo e recursos educativos sobre as causas e as consequências do genocídio dos Roma, mas também sobre a construção da identidade dos Roma e a autonomização das comunidades Roma em toda a Europa. A coleção foi produzida em 12 regiões europeias.



Kit de Ferramentas para Trabalhar com Testemunhos

Com este kit de ferramentas, a Iniciativa de Evocação do Genocídio Roma Dikh He Na Bister apresenta métodos educacionais sobre o genocídio dos Roma com base nos testemunhos dos sobreviventes.



Vozes das Vítimas. O Genocídio Contado através dos Testemunhos dos Sinti e dos Roma

Vozes das Vítimas faz parte do RomArchive, o arquivo digital comunitário das artes e culturas dos Sinti e dos Roma, que tem sido desenvolvido por muitos atores internacionais desde 2014. É uma coleção de fontes da perspectiva daqueles afetados pela perseguição e assassinato de 20 países, disponível em Inglês, Romani e Alemão, apresentada como digitalizações, transcrições e arquivos de áudio, fornecida com informações contextuais.

Outros Recursos da IHRA



Declaração de Estocolmo



Declaração Ministerial de 2020, IHRA



Definição de trabalho de anticiganismo/anti-discriminação Roma



Genocídio dos Roma: Visão geral das organizações internacionais que trabalham em questões históricas e contemporâneas relacionadas com o genocídio dos Roma



Reflexões da IHRA sobre a Terminologia para a Comparação do Holocausto



Carta para a Salvaguarda de Sítios, IHRA

